

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

MIGUEL BOEIRA VIANNA

MUSEUS E TURISMO:
A importância das instituições museais no desenvolvimento turístico

Porto Alegre
2020

MIGUEL BOEIRA VIANNA

MUSEUS E TURISMO:

**A importância das instituições museais no desenvolvimento
turístico**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Regina Bertotto

Porto Alegre
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos André Bulhões Mendes

Vice-reitora: Patrícia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Samile Andréa de Souza Vanz

Chefe substituto: René Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Jeniffer Alves Cuty

Coordenador-substituto: Eráclito Pereira

CIP – Catalogação na publicação.

Vianna, Miguel Boeira

MUSEUS E TURISMO: A importância das instituições museais no desenvolvimento turístico / Miguel Boeira Vianna. -- 2020. 72 f.

Orientadora: Márcia Regina Bertotto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Museologia. 2. Turismo. 3. Turismo cultural. 4. Brasil. 5. China. I. Bertotto, Márcia Regina, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007-Porto Alegre-RS

Fone: (51) 33085067

Correio eletrônico: fabico@ufrgs.br

Miguel Boeira Vianna

MUSEUS E TURISMO:

A importância das instituições museais no desenvolvimento turístico

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Bertotto – UFRGS

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ana Celina Figueira da Silva – UFRGS

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Enói Dagô Liedke – UFRGS

Examinadora

AGRADECIMENTOS

A todos os colegas do curso pela presença e auxílio nas atividades de estudo, de pesquisa e nas viagens de campo.

Aos colegas da turma de 2016, em especial à Maila por sua inestimável e munificente ajuda em sanar alguns dos meus óbices informáticos.

À querida colega Débora por toda ajuda e companhia no decorrer do curso. À colega landora pelas referências bibliográficas.

Ao Marco Aurélio pela digitalização da pirâmide da riqueza global.

A todos os professores do curso de Museologia por seu profissionalismo, amor e dedicação e a capacidade do encantamento pela carreira que nos estimula aos desafios do futuro pela melhoria e ampliação das oportunidades no mundo das instituições museais.

A oportunidade de estar novamente na UFRGS depois de tantos anos de concluída a primeira graduação nesta universidade e da importância de se defender a educação pública com financiamento estatal em todos os níveis, mormente neste momento periclitante que a sociedade brasileira enfrenta. Nunca foi tão necessária a união de esforços para salvaguardar o patrimônio mais fundamental de uma sociedade, que em nosso país tão precariamente se mantém.

Ao estudo e conhecimento dos idiomas, como professor de línguas e literatura, muito me auxiliou a descortinar as distintas visões de mundo que os idiomas acarretam. Analisar e conhecer um pouco mais dessa civilização de difícil compreensão para os ocidentais, ainda que em um breve trabalho como este e com apenas um semestre de estudo do idioma, já foi suficiente para compreender os sutis mecanismos de funcionamento de nosso mundo e da importância de se os conhecê-los, pois só assim se pode ter a esperança de os equacioná-los.

À minha orientadora, professora Márcia Bertotto pela paciência e compreensão nas dificuldades em realizar este trabalho, mais ainda em razão da pandemia que conseguiu prejudicar o que já era ruim.

Agradeço às professoras Ana Celina Figueira da Silva e Enóí Dagô Liedke pelo acompanhamento acadêmico e pela honra de terem aceitado participar da banca.

À professora Zita Possamai pelo prestimoso auxílio no referencial bibliográfico de Turismo fundamental para a realização desta pesquisa.

Às equipes de trabalho da Pinacoteca Ruben Berta e do Museu de Paleontologia da UFRGS pelo auxílio e todo o apoio prestado à minha formação nos estágios curriculares.

E à classe dominante brasileira, meu muito obrigado por me deixarem sem computador, com uma internet de baixíssima velocidade e por duas vezes sem telefone celular. Não há demérito nenhum em reconhecer que vocês são extremamente eficazes no que fazem, garantindo uma sociedade com excelente “apartheid” social, tanto mais eficaz por ser informal, e, assim, imperceptível para a maioria das pessoas, excetuando pelos efeitos negativos que produz cotidianamente em nossas vidas em todo o território nacional.

Para refutar a tese de Lenin, que identifica no capitalismo as raízes da política de guerra do imperialismo, Joseph Schumpeter aduz em 1919, o exemplo dos Estados Unidos: bem onde o capitalismo está particularmente desenvolvido, o ideal da paz domina sem discussão na cultura e na praxe política. Em seu raciocínio, fazendo abstração total das campanhas de deportação e de aniquilamento dos peles-vermelhas, o grande economista não se dá conta de que confirma de modo clamoroso uma tese central de Lenin: as potências coloniais não consideram guerra um conflito armado contra os povos por elas desumanizados (LOSURDO, 2010, p. 265)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso objetiva compreender como as atividades museais podem representar um fator de desenvolvimento do turismo em uma análise comparada da importância das instituições museais no setor de atividades turísticas na China e no Brasil. Procura estabelecer o vínculo entre as instituições museais e o turismo em abordagem histórica da evolução global destes a partir do pós Segunda Guerra Mundial até o princípio do presente século. Analisa como as instituições museais na China estão relacionadas ao desenvolvimento do turismo no país. Pesquisa a realidade museal brasileira nas décadas de 2000 e 2010 e a sua relação com o turismo no Brasil. A metodologia por meio de abordagem qualiquantitativa da análise de bibliografia específica da Museologia e do Turismo e de levantamento de dados estatísticos oficiais propõe que as instituições museais têm fundamental importância para alavancar o desenvolvimento do turismo. A pesquisa trabalhou com os conceitos de teóricos do turismo cultural e de economia de museus. Conclui que as instituições museais são importantes economicamente, socialmente e culturalmente para o desenvolvimento do turismo nos países e conseqüentemente do aprimoramento cultural de suas sociedades, do bem-estar econômico e social.

Palavras-chave: Museologia. Turismo. Turismo cultural. Brasil. China.

ABSTRACT

This paper has the goal to understand how the museum activities can represent a tourism development factor using a comparative analysis about museum institutions importance in the touristic activities in China and Brazil. It essays establish the connection between museum institutions and tourism in a historical approach of its global evolution from the Second World War until the early 21st century. It analyzes how museum institutions in China are related to tourism development in the country. It researches the museum reality in Brazil in the decades of 2000 and 2010 and its relation to tourism. The qualiquantitative methodology by Museology and Tourism bibliography and official statistical data analysis proposes that museum institutions are really important to stimulate tourism development. This research worked with cultural tourism and museum economy concepts. It concludes that museum institutions are economically, socially and culturally important to tourism development in the countries and by this way to societies cultural evolution and to their economical and social welfare.

Keywords: Museology. Tourism. Cultural tourism. Brazil. China

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagens turísticas icônicas	21
Figura 2	Atual prédio do Museu Parque de Nantong	31
Figura 3	Museu de Nanjing, sucessor do Museu Central da China	32
Figura 4	Museu Nacional de Literatura Moderna Chinesa	36
Figura 5	Museu de Arte Yang Huang	36
Figura 6	Mural de entrada da Exposição de Direitos Chineses	40
Figura 7	Pinacoteca Ruben Berta	47
Figura 8	Ponto de Cultura Museu de Favela	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução do total mundial de turistas internacionais.....	22
Tabela 2 – Pirâmide da riqueza global 2019.....	24
Tabela 3 – Distribuição relativa da riqueza nacional chinesa.....	24
Tabela 4 – Receita e despesa cambial turística no Brasil (2003-2018)	25
Tabela 5 – Número de museus e visitantes em meados do século XX.....	27
Tabela 6 – Número de museus no princípio do século XXI	27
Tabela 7 – Número de visitantes a museus no mundo no princípio do século XXI	28
Tabela 8 – Número de museus na China (1929 – 1978)	34
Tabela 9 – Número de museus na China (2000 – 2019)	41
Tabela 10 – Número de visitantes aos museus chineses (1998 – 2019)	41
Tabela 11 – Turistas estrangeiros na China (1978 – 2018)	43
Tabela 12 – Quantidade de Patrimônios da Humanidade na China	43
Tabela 13 – Impacto econômico total dos museus	49
Tabela 14 – Número de museus no Brasil (1989 – 2018)	50
Tabela 15 – Número de visitantes aos museus brasileiros (2001 – 2018)	50
Tabela 16 – Distribuição relativa da riqueza nacional brasileira	50
Tabela 17 – Turistas estrangeiros no Brasil (1978 – 2018)	53
Tabela 18 – Quantidade de Patrimônios da Humanidade no Brasil	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABS	Australian Bureau of Statistics
AMS	Association des Musées Suisses
BANRISUL	Banco do Estado do Rio Grande do Sul
BPERS	Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul
CHIN	Canadian Heritage Information Network
CMA	Canadian Museums Association
CPRM	Serviço Geológico do Brasil
DEMU	Departamento de Museus
EMCM	Estadística de Museos y Colecciones Museográficas
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	International Council of Museums
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IfM	Institut für Museumsforschung (Alemanha)
ILAM	Instituto Latino-Americano de Museus
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
FARSUL	Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul
KMT	Partido Nacionalista Chinês (Kuó Ming Tang)
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MINC	Ministério da Cultura
MLA	Museums, Libraries and Archives Council (Reino Unido)
MTUR	Ministério do Turismo
NBS	National Bureau of Statistics (Zhongguó Tongjiju)
OAC	Observatório das Atividades Culturais (Portugal)
PIB	Produto Interno Bruto
PNM	Política Nacional de Museus
PPC	Paridade do Poder de Compra
SIGEP	Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos
SINIC	Sistema Nacional de Información Cultural (Colômbia)

SMK Stichting MuseumKaart (Holanda)

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação,
Ciências e Cultura

UNWTO Organização Mundial de Turismo das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O TURISMO E OS MUSEUS NO MUNDO	20
2.1 Os Fluxos Turísticos	22
2.2 O Contexto Museal Mundial	26
3 MUSEUS E TURISMO NA CHINA	30
3.1 O Surgimento das Instituições Museais na China	30
3.2 A Primavera Museal Chinesa	34
3.3 1998-2019: A Grande Expansão Museal.....	41
3.4 A Evolução do Turismo Chinês	42
4 OS MUSEUS E O TURISMO NO BRASIL	44
4.1 Os Museus no Brasil: 2000 a 2018	45
4.2 O Turismo no Brasil	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59
ANEXO A – Lista de Patrimônios da Humanidade da China.....	66
ANEXO B – Lista de Patrimônios da Humanidade do Brasil.....	68
ANEXO C – Lista de geoparques globais da China	69
APÊNDICE – Produtos com denominação de origem no Brasil	70

1 INTRODUÇÃO

Todas as questões envolvendo o turismo sempre me interessaram desde que passei a viajar pelo país e no exterior. Um fato que se percebe viajando no Brasil é que mesmo sendo brasileiro há dificuldades imensas para realizar atividades, até as mais simples, em virtude da precariedade da infraestrutura nacional. Em Salvador tive que ligar à agência do Banrisul¹ para saber onde ficava a rua em que se localizava, visto que o escritório de turismo da prefeitura não dispunha da informação. Em Recife fiquei sem ter como ir à residência onde me hospedaria por que em virtude do Carnaval as ruas estavam bloqueadas aos ônibus e os taxistas se negavam a fazer corridas curtas. As sinalizações dos pontos turísticos também costumam ser precárias, inexistentes ou desatualizadas. E no caso dos estrangeiros, encontrar alguém na rua que saiba falar inglês é uma dificuldade imensa. Além disso, a intensa pressão do comércio informal em locais de muita movimentação turística incomoda e, até mesmo pode afastar turistas. Algumas vezes, até a infraestrutura de água e saneamento costuma colapsar em cidades litorâneas quando a população dobra ou triplica em virtude da chegada dos turistas, como é o caso de Santa Catarina onde esta situação vem se repetindo com frequência desde a década de 1990 e não parece haver previsão de solução a curto prazo.

Quanto às atividades museais, mesmo antes de conhecer a Museologia, visitar museus, memoriais, parques nacionais, aquários e jardins botânicos ou zoológicos fizeram parte do menu de atividades durante minhas viagens, mesmo que fosse as do típico turismo de sol e praia. Assim, quando cursei a disciplina de Museologia e Turismo Cultural, tive minha atenção voltada para a problemática da precariedade do turismo no país e também das atividades museais. Nós estudamos vários exemplos de casos nacionais e estrangeiros sobre a solução dos diversos problemas que afetam as atividades turísticas, em particular, as culturais. O equacionamento dos obstáculos intervenientes às atividades turísticas depende de um bom planejamento global, abrangente e descentralizado onde todos os atores estatais e privados, locais, regionais, nacionais e comunitários atuem de modo a potencializar as disponibilidades turísticas dos territórios.

Assim, ao pesquisar e analisar as realidades do panorama das atividades turísticas no mundo e as da evolução das instituições museais pude perceber um grau de similitude

¹ Banco do Estado do Rio Grande do Sul, banco oficial do estado mais meridional do Brasil fundado em 1928 pelo então presidente estadual Getúlio Dorneles Vargas e autorizado pelo Decreto Federal 18374 de 28 ago. 1928.

entre o Brasil e um outro país continental asiático, a China. Ambos até poucas décadas atrás eram precários em sua infraestrutura e tinham o setor turístico insignificante e de muito reduzida participação na economia nacional e o setor museal era igualmente de baixa densidade em seus respectivos territórios nacionais. Dado que a situação foi se invertendo a partir dos anos 1980, na China, fazendo com que o país se distanciasse do nosso, achei interessante como objeto de análise fazer uma pesquisa comparativa entre os dois países.

A pesquisa busca responder a seguinte questão problema: quais fatores se destacam na interferência para o incremento das atividades culturais relacionadas ao setor museal e sua inter-relação com as atividades turísticas?

Desta maneira o objetivo geral da pesquisa é: analisar os fatores políticos, históricos, econômicos e geográficos que interferem no desenvolvimento das atividades culturais do Brasil e da China. Como objetivos específicos: Observar as ações culturais do setor museal e seu relacionamento com as atividades turísticas; descrever o percurso histórico das duas nações no âmbito do turismo e dos museus; verificar a evolução de seus agentes e de como estes dois países organizaram seus roteiros de ação.

Como cita Possamai (2000, p. 53): “O turismo está intimamente ligado à cultura e ao patrimônio.” São motivações culturais diversas tais como conhecer patrimônios históricos e culturais, sítios e cidades históricas, festas típicas e instituições museais que atraem milhões de pessoas em viagens ao exterior e um número ainda maior de turistas em viagens domésticas em seus respectivos países. Com a tendência inexorável da eliminação massiva de postos de trabalho na indústria, na agricultura e no comércio, devido à automatização provocada pela evolução da informática e da robótica; as atividades de serviços tanto nas áreas de ciência e tecnologia como nas dos diferentes ramos das atividades culturais tendem a ampliar-se.

As categorias de análise utilizadas nesta pesquisa serão as de turismo, patrimônio cultural e de museu. Segundo Barreto (2003) patrimônio é uma palavra polissêmica. Em geral entende-se como o conjunto de bens que alguém ou alguma instituição possui. Quando se refere a um país significa o conjunto de bens existentes em seu território. O patrimônio pode ser dividido em natural e cultural, material e imaterial. Nesta pesquisa analisar-se-á especificamente o patrimônio cultural museal, ou seja, aquele que envolve as diversas instituições museais tais como museus, memoriais, sítios históricos, jardins zoológicos ou botânicos. A pesquisa a ser realizada é a do patrimônio em seu caráter social, isto é, aquele que se refere a todos os patrimônios culturais da sociedade em

contraposição à avaliação positivista da “História oficial” que considerava como patrimônio apenas os relacionados à classe dominante e seus heróis.

O conceito de museu utilizado é o do Estatuto de Museus brasileiro (Lei 11904/2009) que em seu artigo 1º define museus como:

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico e científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento. Parágrafo único: enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território, visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e a participação das comunidades.

O conceito de turismo a ser utilizado é o de Moesch:

[...]a de um fenômeno com consequências culturais, sociais, políticas e comunicacionais que deve também ser estudado, por ter se convertido em direito, desejo de todos os cidadãos de qualquer classe social e de qualquer sociedade, seja esta desenvolvida ou não. (in: GASTAL et al., 2008, p. 17).

Apesar de a atividade turística ter se convertido em uma espécie de panaceia econômica para muitos governantes, investidores e a classe dominante em geral, entende-se como bem demonstra Marutschka Moesch, que o fator econômico não deveria ser o preponderante em seu planejamento e desenvolvimento. Seu planejamento deve considerar os fatores culturais e sociais, objetivando um desenvolvimento integrado e harmônico. É exatamente por isto, que uma teoria econômica de uso dos recursos em caráter não monetário faz-se necessária. Meios alternativos de dispêndio dos recursos econômicos são essenciais para o aprimoramento econômico, cultural, ecológico e social da sociedade e para a redução das desigualdades e conflitos em seu interior.

Também utilizar-se-ão outros referenciais teóricos do Turismo e da Museologia, além de dados estatísticos da Organização Mundial de Turismo (UNWTO), do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), dos Ministérios do Turismo do Brasil e da China, do Ministério de Cultura da China, do Escritório Nacional de Estatísticas da China, do banco Crédit Suisse, da Organização das Nações Unidas para a Educação Ciências e Cultura (UNESCO), do Serviço Geológico do Brasil (CPRM) e de publicações que disponham de dados relacionados a museus e ao turismo. Autores especializados nas áreas de turismo cultural e patrimonial tais como Reinaldo Dias, José Newton Meneses, Susana Gastal, Pedro Paulo Funari, Jaime Pinsky, Jacques Wainberg e na área da Museologia, como: José do Nascimento Júnior, Hugues de Varine, serão alguns dos quais guiarão a elaboração da análise desta pesquisa.

O turismo no mundo contemporâneo é uma das atividades econômicas que mais tem se desenvolvido, configurando um grande setor econômico, conhecido em português como “indústria turística”, numa tradução não muito adequada para o termo inglês “trade” que significa “ofício ou comércio²” quando referido a um setor de atividade. Como escreve Lemos (GASTAL et al., 2008) é provável que a expressão indústria do turismo surgiu quando a indústria era o grande motor do desenvolvimento capitalista ou por uma tradução apressada do vocábulo inglês. Este setor da economia vem apresentando taxas de crescimento econômico anual levemente superior à do PIB da maioria dos países.

Cerca de 1,5 bilhão de turistas (UNWTO, 2019) viajam ao exterior por ano. O turismo representa 10% do PIB mundial, o equivalente a 8,3 trilhões de dólares anualmente (DIAS, 2006).

É um fato que o turismo para desenvolver-se necessita de boa infraestrutura e um ambiente de segurança para os turistas. Isso explica o fato de os países que mais recebem turistas estrangeiros serem os com melhor infraestrutura e maior desenvolvimento econômico. União Europeia, Estados Unidos e China lideram as estatísticas tanto de quantidade de turistas como de faturamento econômico com a atividade, apresentando em geral superávit na balança turística.

O Brasil apesar de ser a quinta maior nação em território e em população, apresentando grande diversidade cultural e de biomas naturais, não figura sequer entre os 40 países (UNWTO, 2019) mais visitados do mundo. Os principais fatores que entravam o desenvolvimento do setor turístico nacional, são, sem dúvida, a precária infraestrutura de transportes e os altíssimos índices de criminalidade que atingem a maioria das regiões do território nacional. O país recebe menos turistas que países pequenos e até mesmo que em micropaíses, como é o caso de Cingapura. Além disso o número de pessoas que dominam a língua inglesa e mesmo a espanhola é muito baixo, o que igualmente é um agravante ao desenvolvimento turístico, em especial nas pequenas cidades interioranas.

Em relação ao desenvolvimento das atividades museais ocorreu uma evolução lenta até meados do século passado e com um índice pequeno de visitação. Havia

2 “Trade: s. comércio, negócio; tratado comercial ou político, ofício, profissão, ocupação; ramo de negócio; tráfico.” (The Landmark Dictionary). O termo “industry” em inglês tem o mesmo significado que em português, ou seja, o segundo setor da economia. Portanto, turismo não é indústria, mas um ramo de serviços do setor terciário da economia.

poucos museus³ e os primeiros parques nacionais foram criados somente na década de 1930. Na atualidade, o setor já conta com milhares de instituições, mas que em sua maioria deixam a desejar em seu funcionamento devido a escassez de recursos financeiros e humanos, horários reduzidos de funcionamento, programação de exposições e de atividades pouco atraentes e precariedade de sinalização no acesso a estas. Isso se reflete no baixíssimo índice de visitação, em riscos à integridade das instituições como ocorrido em vários museus nesta última década e na postergação e demora para a execução de reformas e ou ampliação destas.

Todavia o Brasil não é um país de baixo nível de desenvolvimento. Sua renda per capita de US\$ 8921 dólares e IDH de 0,761 (IBGE, s.d.) o coloca entre os países de médio desenvolvimento. No entanto, a concentração da renda nacional é uma das maiores do mundo. Segundo o Relatório de Riqueza Global 2019 do Crédit Suisse (2019), 70% da população adulta brasileira tem renda anual ou patrimônio de 0 a 10000 dólares, sendo portanto pobre. A classe média baixa com renda ou patrimônio de 10000 a 100000 dólares representa 27,41%, os adultos de classe média alta que possuem de 100000 a 1000000 de dólares são 2,42 % e os ricos que possuem acima de um milhão de dólares representam tão somente 0,17 % dos 150 milhões de habitantes adultos da nação. O país é um dos dois únicos no mundo que isenta de imposto de renda os ganhos de capital de pessoas físicas em empresas privadas ou na bolsa de valores ao passo que cobra imposto de renda de trabalhadores que ganham a partir de 1,8 salários-mínimos⁴. O Brasil se caracteriza por ter permanentemente um déficit muito avultado na balança turística externa. Os investimentos dos governos são baixíssimos e as políticas de austeridade são uma norma quase obrigatória. Reduzir o tamanho da interferência do estado é a obsessão da classe dirigente do país, seja entre os governantes e no empresariado estrangeiro e nacional que controla o orçamento do estado por meio da dívida pública, de isenções de impostos e de remessa de lucros ao exterior. O déficit na balança de serviços também é gigantesco. O objetivo é o de transformar o país em uma economia agro minério exportadora, ou “a China do agronegócio” (PRESS AGROBUSINESS, 2018) nas palavras do presidente da FARSUL (Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul, cujo atual presidente é Gedeão Pereira).

3 Em 1952 o país tinha tão somente 116 museus e 1203000 visitantes anuais. Fonte: UNESCO (1952) apud IBRAM (2011).

4 Salário-mínimo é o menor valor salarial pago a um trabalhador formal. A Lei 14013/2020 estabeleceu o seu valor em R\$ 1045,00.

Na China, segundo Pomar (2009) para dinamizar a economia e aumentar o consumo, o governo ampliou feriados nacionais, estimulou o turismo interno e a educação e intensificou os investimentos em programas de moradia, infraestrutura e em ativos fixos.

Festivais artísticos, feiras de negócios, congressos científicos e festas folclóricas vem estimulando o deslocamento de milhões de pessoas pelo país. Somente na semana do feriado do Dia Nacional da China de 2016, 593 milhões de pessoas visitaram atrações turísticas pelo país, gastando 72 bilhões de dólares (CHINA HOJE, dez. 2016/jan. 2017, p. 15). No setor museal igualmente há uma grande “Primavera Cultural” (sic do autor) em andamento. O planejamento estatal também se aplica a este setor. Segundo a revista *The Economist* (2013) em 2011 foram inaugurados um museu por dia, o que possibilitou ultrapassar a meta de 3500 museus para 2015 antes do prazo previsto. Do total de 147 Geoparques Globais da UNESCO, a China possui 41 (CHINA HOJE, jun./jul. 2019, p. 11) enquanto o Brasil tem somente um. Este planejamento estatal permanente e descentralizado vem consolidando uma gigantesca infraestrutura de transportes, comunicações e hospedagem que facilitam o deslocamento pelo país. Nas capitais e grandes cidades, novos aeroportos e extensas redes metroviárias capilarizadas garantem a circulação sem as típicas tranqueiras e engarrafamentos cotidianos às capitais brasileiras. O conhecimento e estudo da língua inglesa é amplo e disseminado por todo o país.

Esta pesquisa bibliográfica e documental será realizada de acordo ao que Prodanov e Freitas (2013) referem como qualiquantitativa, ou seja, o uso de dados estatísticos analisados dedutivamente para fazer uma análise qualitativa da descrição dos fatores quantitativos concernentes à avaliação comparada proposta nesta investigação, conformando assim as duas abordagens interligadas e complementares entre si.

Assim por meio dessa análise descritiva comparada das realidades sociais, econômicas, políticas e culturais brasileira e chinesa objetiva-se verificar os respectivos roteiros de evolução dessas duas sociedades no tocante às instituições museais e sua relação com o turismo.

Esta pesquisa compõe-se de cinco capítulos. No capítulo 1 está a introdução. No capítulo 2 apresenta-se a evolução do turismo e do setor museal no mundo a partir do final da Segunda Guerra Mundial. No terceiro capítulo se apresenta um panorama histórico das atividades museais na China desde o seu surgimento no princípio do século

passado, passando pela Revolução Chinesa⁵ até 1978, o ano em que se iniciaram as políticas de reforma e abertura da economia chinesa e ainda neste capítulo se apresenta um panorama histórico do surgimento dos museus na China e se analisa a evolução museal e turística do país de 2000 a 2019. No capítulo quarto mostra-se a evolução das atividades turísticas e museais no Brasil, igualmente de 2000 a 2018. Esta abordagem temporal visa verificar quais fatores atuam na evolução das instituições museais e em sua indução ao turismo e de como estes objetivos são realizados em uma economia planejada em contraste com as de um país com economia sem planejamento. As considerações finais estão no quinto capítulo, onde são avaliados os resultados da pesquisa, nas quais tratar-se-á não somente dos aspectos positivos, mas também de seus efeitos negativos.

5 Revolução socialista liderada por Mao Zedong cuja vitória ocorreu em 1949 com a proclamação da República Popular da China, que aboliu o estado feudal chinês e expulsou as potências ocidentais imperialistas. (COGGIOLA, 1985).

2 O TURISMO E OS MUSEUS NO MUNDO

O turismo como atividade econômica teve um grande desenvolvimento após a Segunda Guerra Mundial. Diversos fatores intervieram para que isto ocorresse. Mas, em especial, o surgimento do estado de bem-estar social nos países do Primeiro Mundo, a aviação como meio de transporte intercontinental a partir dos anos 1950 e a regulamentação de férias remuneradas na maioria dos países. De acordo com Gastal (2005), a modernidade, iniciada quando as máquinas passaram a predominar na produção, fez substituir o tempo cíclico das sociedades pré-modernas pelo tempo cronológico do relógio. É quando surge o turismo enquanto atividade econômica. Com o surgimento da informática e a consequente aceleração do modo de vida ao final do século passado entramos na pós-modernidade⁶ onde se vive em um permanente presente de individualismo, que conforma o que a autora define como a civilização da imagem. Esta civilização está imbuída da estetização típica da sociedade do espetáculo onde o parecer e o aparecer são marcados pela visualidade estética da beleza e felicidade permanentes. Trigo (1996) descreve em sua análise que o Turismo como fenômeno e a necessidade do testemunho como um dos seus propulsores são uma das características da pós-modernidade.

A civilização da imagem tornou-se possível com a evolução tecnológica da informática que permitiu a digitalização da máquina fotográfica e o surgimento da telefonia móvel. Este aparato tecnológico proporcionará a conformação do viajar como espetáculo que necessita do testemunho individual de todas as experiências de viagem. Assim é que o crescimento geométrico de viajantes, tanto externos quanto internos, se dá a partir de meados do século XX e que se atinja bilhões de pessoas viajando na virada do século XX para o XXI. A sociedade torna-se totalmente saturada de imagens onipresentes que estão em casa na televisão e nas telas dos computadores, nas ruas nos monitores espalhados nos comércios, repartições públicas, locais de lazer, nos meios de transporte, etc. e 24 horas no telefone celular inteligente de uso individual que cada um traz em seu bolso ou bolsa. Com a internet surgiram os blogs de viagem e posteriormente os canais de viagem no YouTube onde milhares de viajantes “profissionais” relatam seus cotidianos de viagens em uma profusão infinita de imagens esteticamente atraentes e sedutoras. Os demais turistas igualmente inundam as redes sociais com suas fotos e vídeos que testemunham

⁶ Segundo Gastal (2005) a pós-modernidade é o novo momento da sociedade informatizada, da ausência de distâncias e do tempo presente e que tem como marca a cidade.

suas experiências de beleza e felicidade instagrâmica⁷ tão cara à sociedade do espetáculo.

Na figura 1 abaixo temos um exemplo de imagens turísticas icônicas muito comuns que circulam pelas redes sociais e demais meios de comunicação de massa.

Figura 1 – Imagens turísticas icônicas.



Fonte: Taipei Travel stole my photo.

É portanto no contexto de uma sociedade capitalista urbana de consumo de massas que segundo Oliveira (GASTAL et al., 2008) com o predomínio das atividades do

⁷ Do Instagram, a rede social onde os internautas postam suas fotos pessoais.

terceiro setor da economia que o turismo se massifica em um “boom” progressivo e continuado a despeito das diversas crises econômicas que têm afetado a economia mundial.

2.1 Os Fluxos Turísticos

Como já observado o fluxo turístico passou a apresentar um crescimento exponencial depois da Segunda Guerra Mundial. Os países europeus e norte-americanos tornaram-se os mais visitados e os que mais enviavam turistas ao exterior. Visto que o turismo de acordo com Moretoni (2015) é um fenômeno processual relacionado a uma sociedade em constante transformação, este fenômeno foi intensamente influenciado pela mudança de paradigma da pós-modernidade, quando a aceleração que a digitalização impôs a todos os setores da vida humana se incorporou ao cotidiano dos viajantes. Em virtude de esse processo de digitalização estar atrelado à capacidade econômica tanto dos países quanto dos indivíduos, isto significa que é a partir dos países centrais do mundo capitalista, que os fluxos turísticos se concentram tanto no recebimento quanto no envio de turistas estrangeiros. A partir dos anos 1980 os países do Extremo Oriente como China, Coreia do Sul, Taiwan e Cingapura ao adotarem políticas de crescimento econômico autônomas, passaram a reorientar o fluxo turístico mundial. Nos últimos anos da década de 2010 a China tornou-se a maior receptora de turistas e também o país que mais envia turistas ao exterior e cujos viajantes mais gastam em viagens tanto interna como externamente. Nesta década de 2010 o crescimento médio anual de turistas internacionais foi de 5% de acordo com a Organização Mundial de Turismo (2019). A quantidade de turistas internacionais que em 1950 equivalia a tão somente um por cento da população mundial (2,5 bilhões), passou a 20% dos habitantes do mundo (7,5 bilhões) em 2019.

Tabela 1 – Evolução do total mundial de turistas internacionais.

Ano	Turistas (milhões)
1950	25
1955	47
1960	69
1965	113
1970	166

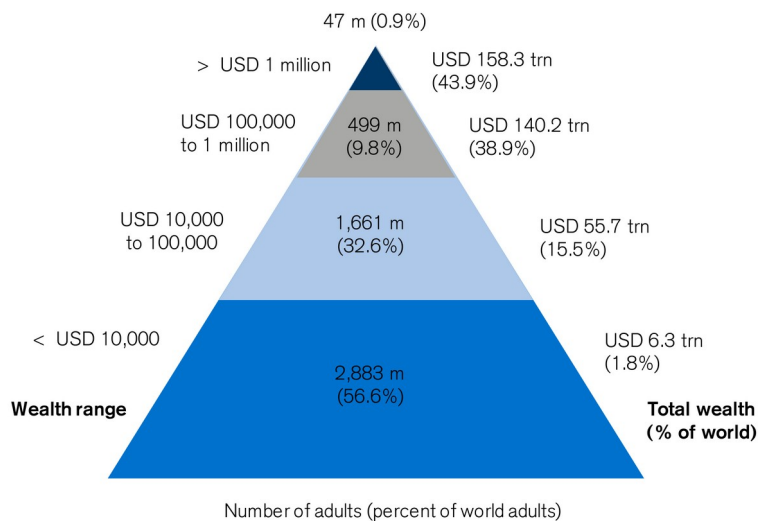
1975	223
1980	286
1985	328
1990	435
1995	531
2000	680
2005	809
2010	952
2015	1195
2018	1407

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados disponíveis em: <www.statista.com/statistics/262750/number-of-international-tourist-arrivals-worldwide> Acesso em: 04 fev. 2020.

Esta evolução progressiva do setor turístico está fortemente influenciada pelas políticas econômicas adotadas pelos países de acordo com a orientação política de seus governos e de suas classes empresariais. A concentração de renda vem se ampliando no mundo desde a crise das “subprimes”⁸ nos Estados Unidos em 2007. A riqueza global das pessoas pobres que em 2010 representava 4,2% do total mundial, caiu para 3% em 2015 e para apenas 1,8% em 2019. Já a dos ricos (os milionários) aumentou de 35,6% em 2010 para 45,2% em 2015 e teve uma leve queda para 43,9% em 2019. Isto se deve ao fato de que apesar de a pobreza ter aumentado, o número de pobres diminuiu devido a redução da pobreza na China proporcionada pelas políticas de redistribuição de renda do governo, que objetivam eliminar a pobreza do país a médio prazo. O país já tem 10% de sua população nos 10% mais ricos do mundo. O que nos permite compreender o amplo incremento do número de turistas do país. Nas tabelas abaixo temos o total da riqueza mundial e a da China.

8 Crise econômica gerada pela falência de grandes bancos estadunidenses que concederam empréstimos lastreados em imóveis, que teve início a partir da forte queda do índice “Dow Jones” da Bolsa de Valores de Nova Iorque em julho de 2007, motivado pelo colapso desses empréstimos hipotecários (subprime mortgages), concedidos de forma irresponsável, culminando em uma crise de crédito através da transferência desenfreada de CDSs (Credit Default Swaps) e CDOs (Collateralized Debt Obligations) para terceiros, repassando assim o risco para contrapartes. In: Reis (s.d.). Disponível em <<https://www.sunoresearch.com.br/artigos/crise-do-subprime/>> Acesso em 28 set. 2020.

Tabela 2 – Pirâmide da riqueza global 2019



Fonte: Crédit Suisse. The Global Wealth Report 2019

Tabela 3 – Distribuição relativa da riqueza nacional chinesa. (US\$ dólares)

< 10.000	10.000 a 100.000	100.000 a 1.000000	> 1.000000
24,5%	65%	10%	0,5%

Fonte: Crédit Suisse. Global Wealth Report 2019.

Assim pode se observar que o grande crescimento da demanda turística em níveis superiores ao do crescimento econômico mundial está relacionado ao desenvolvimento econômico chinês. Visto que o país representa 20% da população mundial, a sua evolução econômica tem forte impacto nos indicadores sociais, econômicos e culturais do planeta. Em 1978 o PIB chinês (CARVALHO, 2018/2019) era $\frac{1}{4}$ inferior ao brasileiro, em 2019 tornou-se 8 vezes maior que o do Brasil. No final desta década a China (O'NEILL, 2011) será a maior economia mundial.

Nosso país mantém uma estabilidade imutável, tanto no desenvolvimento econômico quanto no do turismo, mantendo um índice de recebimento e envio de turistas em torno de tão somente 0,5% do total mundial desde os anos 1970. Devido a altíssima concentração de renda, também o turismo interno tem um percentual não muito variável na casa dos 30%, conforme Dias (2006), o que coincide com o percentual da população brasileira de classe média baixa e alta conforme o Relatório de Riqueza Global 2019 do

Crédit Suisse. As ações econômicas dos governos brasileiros nos últimos cinco anos vem reforçando as políticas de austeridade e de reprimarização das exportações, o que acabará por estagnar o desenvolvimento econômico. Ao dobrar a cota de aquisição de mercadorias para mil dólares em “free shops”⁹ de portos e aeroportos, o governo está exportando empregos para o exterior e ajudando a ampliar os déficits da balança comercial e da de turismo. Desde os anos 1990 o déficit na balança turística é constante e aumentou muito na última década, conforme a tabela 4.

Tabela 4 – Receita e despesa cambial turística no Brasil (2003 a 2018, em milhões de US\$).

2003			2004			2005			2006		
Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit
2.479	2.261	218	3.222	2.871	351	3.861	4.720	(858)	4.316	5.764	(1.448)

2007			2008			2009			2010		
Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit
4.953	8.211	(3.258)	5.785	10.962	(5.177)	5.305	10.898	(5.594)	5.261	15.965	(10.704)

2011			2012			2013			2014		
Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit
6.095	20.802	(14.707)	6.378	22.039	(15.661)	6.474	25.028	(18.554)	6.843	25.567	(18.724)

2015			2016			2017			2018		
Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit	Receita	Despesa	Superávit / Déficit
5.844	17.357	(11.513)	6.024	14.497	(8.473)	5.809	19.002	(13.192)	5.921	18.266	(12.345)

Fonte: Banco Central do Brasil (BACEN) apud MTUR (2020).

Portanto, como se pode perceber, o Brasil é um país cujos turistas gastam muito mais no exterior que os turistas estrangeiros no país e este fato é uma constante na balança turística nacional.

9 Áreas de livre comércio onde produtos são vendidos sem a aplicação de determinados encargos tarifários.

2.2 O Contexto Museal Mundial

As instituições museais passaram a ter um grande desenvolvimento e a ganhar novos papéis ligados à evolução das atividades culturais e as do setor turístico após a Segunda Guerra Mundial. Novas tipologias de museus e instituições museais vão surgindo como os museus de arte moderna e os de arte contemporânea, os parques nacionais, os ecomuseus e, mais recentemente, já neste século, os geoparques globais, uma nova categoria de patrimônio da humanidade que engloba um território com patrimônio cultural e natural conjuntamente. Santana (2014) observou que o título de Patrimônio da Humanidade, criado pela UNESCO em 1972, tem mais uma função simbólica de agregar status, legitimidade e reconhecimento ao local ou à construção escolhida, de modo a alavancar a visitação e também de gerar mais atração de financiamento para a sua preservação por parte de governos e da iniciativa privada. Por outro lado os ecomuseus e geoparques globais apresentam uma abordagem mais abrangente em seus objetivos. Varine (2000) refere que os ecomuseus se distinguem dos demais museus pelo fato de a noção de patrimônio ser substituída pela do patrimônio comunitário e coletivo do território e que a gestão daqueles é realizada por um conselho de associações envolvendo o máximo possível de atores do local de abrangência.

Os geoparques globais representam uma abordagem conformada a uma visão holística de gerenciamento sustentável de um território com unidade paisagística e cultural. Eles objetivam a proteção ambiental e cultural, a educação e o desenvolvimento sustentável com o envolvimento da comunidade local. São, portanto, uma ampliação do conceito dos ecomuseus criados no século passado, pois envolvem um território maior e com o objetivo ampliado de influenciar na mitigação do aquecimento global provocado pela civilização urbana industrial baseada em combustíveis fósseis. Pode se depreender portanto, que o desenvolvimento dos fluxos turísticos também tem sido influenciado por esta evolução das tipologias de instituições museais e igualmente culturais. Obviamente que fatores como o progresso nos meios de transporte e de comunicações também têm sido agregadores neste crescimento do turismo cultural.

Todas essas instituições que se incrementaram intensamente a partir de meados do século passado, tiveram um papel destacado no desenvolvimento da economia da cultura bem como da do turismo. Como cita o IBRAM (2014), embora essas instituições não visem a lucro, elas geram um impacto econômico direto em termos de emprego e

renda com a ampliação da circulação financeira que os visitantes e os turistas produzem, proporcionando uma externalidade econômica positiva. A seguir, nas tabelas 5, 6 e 7 seguem as informações com os totais de museus por país e do número de visitantes em nível mundial em meados do século XX e no princípio do século XXI.

Tabela 5 – Número de museus e visitantes em meados do século XX

País	Nº de museus em 1952	Ano	Nº de museus ¹⁰	Visitantes de museus
Estados Unidos	3000	-	-	-
França	1011	1951	62	3.999.000
Itália	839	1950	111	1.836.000
Reino Unido	698	-	-	-
Suíça	295	-	-	-
Áustria	285	-	-	-
Holanda	283	1950	283	2.789.000
Japão	203	-	-	-
Suécia	202	-	-	-
Polônia	198	1950	139	6.497.000
Bélgica	193	1951	1	21.000
Canadá	180	-	-	-
Dinamarca	169	-	-	-
Espanha	152	1949	152	1.289.000
Iugoslávia	151	1951	151	2.561.000
Tchecoslováquia	126	-	-	-
Brasil	116	1948	85	1.203.000
Portugal	116	1950	88	442.000
Romênia	112	-	-	-
Grécia	105	1950	101	121.000

Fonte: Unesco (1952) *apud* IBRAM (2011).

Tabela 6 – Número de museus no princípio do século XXI

País	Número de museus
Alemanha	6190 (2008 - IfM)
Argentina	1186 (2010 - ILAM)
Austrália	1183 (2010 - ABS)
Áustria	1408 (2007 - Museums of the World)
Bélgica	919 (2007 - Museums of the World)
Canadá	3090 (2011 – CHIN e CMA)
Colômbia	514 (2008 - SINIC)
Espanha	1560 (2008 - EMCM)
Estados Unidos	8319 (2007 - Museums of the World)
França	4873 (2007 - Museums of the World)
Países Baixos	1254 (2010 - SMK)
Itália	3178 (2007 - Museums of the World)

10 Indica o número de museus que cederam informações ao levantamento feito pela UNESCO em parceria com o ICOM, segundo IBRAM (2011).

Japão	5614 (2005 - FY Social Education Survey)
México	1425 (2010 - ILAM)
Portugal	1023 (2007 - OAC)
Reino Unido	2500 (2010 - MLA)
Rússia	2468 (2007 - Serviço Estatístico Federal)
Suécia	203 (2009 - Conselho Sueco de Artes)
Suíça	1061 (2009 - AMS)

Fonte: IBRAM (2011)

Tabela 7 – Número de visitantes¹¹ a museus no mundo no princípio do século XXI

País	Ano	Visitantes
Alemanha	2008	104000000
Espanha	2008	56000000
França	2007	68000000
Itália	2009	34000000
Japão	2004	118000000
Portugal	2009	12900000
Reino Unido	2010	50000000
Rússia	2009	78800000
Suécia	2009	17900000
Suíça	2009	18200000

Fonte: IBRAM (2011)

Neste século o desenvolvimento do setor terciário, que é o de comércio e de serviços, tem sido estimulado como meio de geração de emprego e renda em substituição aos que são suprimidos na indústria e na agricultura devido à mecanização e mais recentemente à automatização. O setor terciário já representa mais de dois terços da economia nos países do Primeiro Mundo e nos países de médio desenvolvimento do Terceiro Mundo¹². O turismo vem sendo explorado como um estimulador das atividades econômicas do setor terciário e muitos países têm um grande percentual de sua economia dependente do turismo. Todavia como escreve Meneses (2004) o setor turístico:

[...] tem seguido percursos similares aos de qualquer outra forma ou setor de desenvolvimento econômico ou tecnológico: tem deixado à margem parcelas significativas da sociedade e, assim, não tem contribuído com a melhoria da qualidade de vida das populações. Passa a ser visto, muitas vezes nas comunidades receptoras como mal necessário. A continuar assim, perderá a chance de avançar naquilo que outros setores econômicos hoje buscam fazer

11 Vale destacar que há pessoas que visitam vários museus ou o mesmo museu mais de uma vez ao ano. Em vista disso os quantitativos de público normalmente se referem ao número de visitas e não ao de visitantes enquanto cidadãos individuais de um país.

12 A expressão países do Terceiro Mundo foi criada em 1952 pelo demógrafo Alfred de Sauvy, referindo-se aos países capitalistas subdesenvolvidos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro_Mundo>. Acesso em 28set. 2020.

e perderá a chance de ser um planejamento caracterizado pela inclusão social que, seguramente, preservará o seu substrato maior que é a cultura e o patrimônio cultural. Se proceder como um planejamento inclusivo, a atividade turística não incorrerá em erros como aqueles que podemos facilmente observar em alguns centros históricos de cidades antigas, onde a especulação imobiliária expulsou seus moradores para a periferia e os transformou em verdadeiros centros comerciais que se desgastaram como atrativo para o turismo.(MENESES, 2004, p.49).

Como podemos depreender desta realidade que afeta a evolução do turismo, em especial nos países periféricos, e que também é um fenômeno que costuma afetar as demais atividades econômicas, típico do capitalismo, onde o lucro é o objetivo máximo a ser realizado, o planejamento para a organização e a realização de atividades turísticas sustentáveis e que proporcionem impactos positivos; não somente aos agentes econômicos, mas igualmente à população local é deveras muito fundamental para que as atividades turísticas progridam adequadamente.

A partir daqui verificaremos nos capítulos seguintes o modo de organização e funcionamento do setor turístico, em especial o cultural, em duas realidades distintas. A de um país onde o planejamento faz parte da organização do estado, a República Popular da China e a de nosso país onde a improvisação, a descontinuidade de programas e a ausência de planejamento costumam ser a norma e a maior parte das atividades econômicas seguem o objetivo exclusivo de maximização do lucro dos agentes privados que as exploram. Ao abordar essas duas realidades, a fim de refletir sobre suas experiências e contribuir para a reflexão crítica em relação à nossa condição de país em desenvolvimento em relação ao alargamento do setor turístico, contribuindo assim para um futuro equacionamento desta situação.

3 MUSEUS E TURISMO NA CHINA

Conhecer a realidade histórica de um país é fundamental para que se possa analisar a evolução social deste. Quando se trata de um país com uma situação histórica muito distinta daquela dos países ocidentais a que estamos acostumados a analisar e a comparar, faz-se necessário ter um embasamento mínimo que nos permita obter parâmetros de comparação. O caso da China, como um país oriental, e, portanto bastante divergente da realidade brasileira de paradigma cultural ocidental, já seria diferente, mas ainda há o fato de que o país esteve em um modo de produção que o manteve muito ultrapassado em relação ao Ocidente, e que acabaria por conduzir à desestruturação de sua economia e de sua sociedade. Portanto, será apresentado, a seguir, um breve histórico da formação dos museus na China e de como se desenvolveram no decorrer de seu percurso histórico.

3.1 O Surgimento das Instituições Museais na China – Um Panorama Histórico

A China, o País do Centro¹³, foi o primeiro estado feudal centralizado do mundo quando no século III a.C. o imperador Chi Huang Ti da dinastia Chin logrou derrotar e incorporar os demais reinos vizinhos ao seu. O estado chinês tinha uma concepção de mundo baseada na filosofia confuciana que valorizava uma sociedade harmônica, culto aos ancestrais, à família e à tradição e no respeito à hierarquia. No princípio do século XV, cerca de uma década antes dos portugueses, o comandante Zheng He deu início às grandes navegações com uma esquadra maior que a do pequeno reino europeu e cujos navios à vela eram também muito maiores. Eles navegaram até a costa oriental da África e supõe-se que tenham até mesmo chegado ao litoral ocidental da América antes dos europeus. Todavia, como o desenvolvimento das atividades mercantis desses navegadores pôs em risco a manutenção da ordem feudal estável, em 1434 o imperador ordenou a destruição de toda a esquadra chinesa e a proibição ao comércio internacional. Como observa Pomar (2009), o Império Chinês permaneceu centrado sobre si mesmo, tornando-se defasado em relação ao desenvolvimento técnico, econômico, social e político do resto do mundo capitaneado pelas monarquias absolutistas europeias. Assim,

13 “Zhongguó” em chinês. A China era o centro da civilização do Extremo Oriente, tendo influenciado a maioria dos reinos vizinhos. (COGGIOLA, 1985).

a China permaneceu um estado feudal¹⁴ até o princípio do século passado, quando a monarquia foi derrubada do poder. Isso permite compreender o motivo de instituições típicas da sociedade capitalista como as universidades e os museus não existirem no país até esta época.

A partir do final do século XIX houve a tentativa da modernização do estado chinês com a adoção de medidas sociais, econômicas e políticas reformistas a fim de transformá-lo em um estado nacional capitalista. Mas estes reformadores fracassaram em impor estas medidas e, assim, o primeiro museu nacional criado no país foi privado (XIANGGUANG, 2008). Em 1905 o industrial Zhang Jian fundou o Museu Parque Nantong, cujo prédio atual vê-se na figura 2, em Jiangsu, financiado com o capital de sua fábrica de tecidos de algodão.

Figura 2 – Atual prédio do Museu Nantong. Autor Peter Potrowl



Fonte: Google Imagens. Acesso em: 20 jul. 2020.

Deve-se observar que alguns museus foram criados em território chinês antes do citado Museu Parque, todavia foram fundados por missionários ou oficiais das potências coloniais imperialistas europeias ou japonesa, em territórios fora do controle do governo chinês e que não eram de livre acesso aos chineses. Estes museus tiveram vida curta,

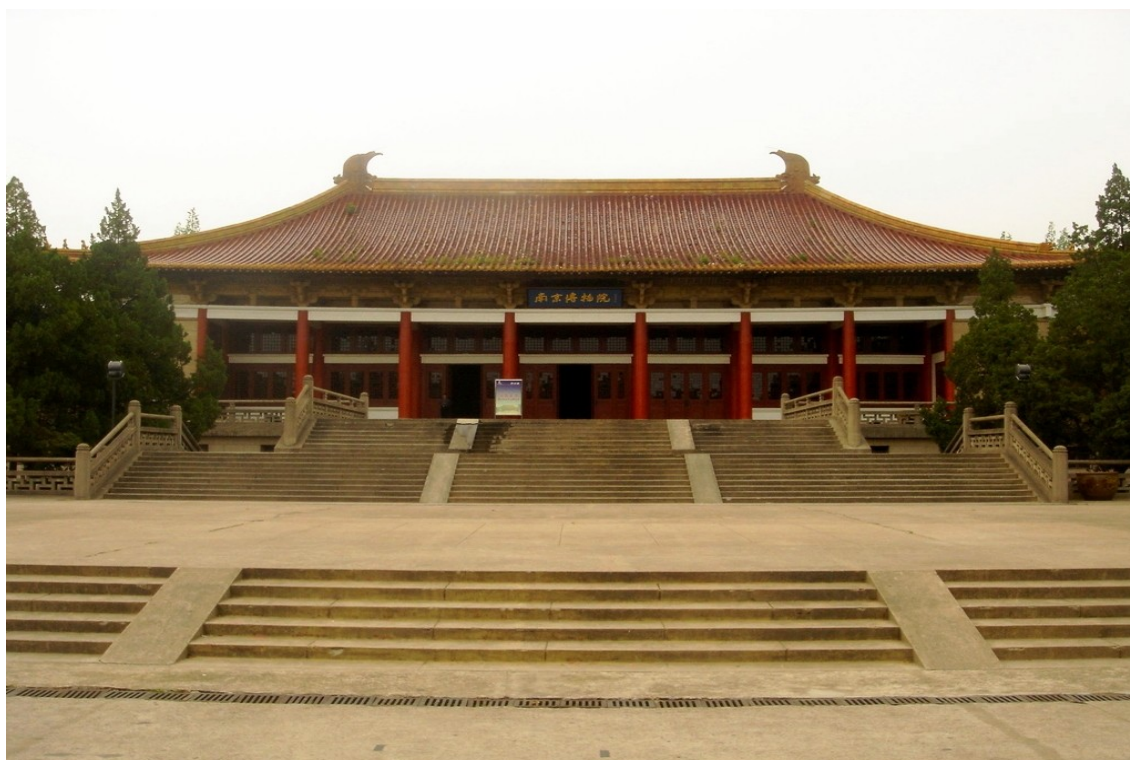
¹⁴ Para esclarecimento sobre o equívoco marxiano de que o feudalismo chinês seria diferente do europeu, conferir Pomar (2009).

tendo em vista as vicissitudes da situação do país à época, mergulhado em guerras civis, revoltas populares, invasões estrangeiras e consequente desestruturação da economia e da sociedade chinesa.

Outros museus privados foram criados nos anos seguintes e, igualmente aos museus estrangeiros, tiveram vida curta, visto que com o desaparecimento do estado monárquico centralizado, o governo central chinês se fragmentou, perdendo o controle do território nacional. O governo republicano controlava apenas a capital. O restante do interior do país caiu sob o domínio de “senhores da guerra”, grandes proprietários de terras que impunham todo tipo de arbitrariedades ao povo, cobrança de impostos e paralisação de colheitas e obras públicas (COGGIOLA,1985). As regiões litorâneas permaneceram sob controle das concessões europeias e japonesa.

O primeiro museu estatal somente surgirá em 1925, o Museu Nacional do Palácio Peiping, fundado pelo governo republicano em Pequim. Em 1933, o governo de Chiang Kai-shek do Kuo Ming Tang (Partido Nacionalista Chinês) criou o Museu Central da China, que atualmente é o Museu de Nanjing mostrado na Figura 3.

Figura 3 – Museu de Nanjing, sucessor do Museu Central da China



Fonte: Google Imagens. Autor: Tevatron. Acesso em: 20 jul. 2020.

Ambos os museus também estavam a mercê da instabilidade desses governos, principalmente a partir dos anos 1930 com a invasão japonesa, em que o governo nacional chinês tornou-se móvel, mudando de capital conforme a aproximação das tropas nipônicas.

Todos esses museus chineses estavam engajados na luta pela libertação nacional do país, seu desenvolvimento econômico e pelo aprimoramento espiritual e cultural do povo. Em 1949, o governo socialista desenvolveu políticas de apoio às instituições e campanhas por coleta de acervo. Em 1956 foi realizada em Pequim a primeira Conferência Nacional de Museus (KIM, 2011 e DONGHAI, 2008) que estabeleceu as três características chave e as duas tarefas principais para estas instituições: um tipo de instituição científica; instituição educacional; centros para coleta material, de valores espirituais e de espécimes da natureza. As duas tarefas são a de que museus servem a toda a população e a propósitos científicos.

Portanto, se percebe que o desenvolvimento das atividades museais na China estiveram prejudicadas desde o seu estabelecimento, visto que ocorreu em um país ocupado por potências estrangeiras, sem um real governo nacional, pois a nação se fragmentara sob o controle de milhares de feudos comandados por “senhores da guerra”. Estes museus não lograram uma estabilidade financeira e de recursos humanos ou de assessoria técnica. Então, foi somente após a Revolução Chinesa que as instituições museais passaram a florescer em ritmo mais constante, mas novamente sofreram as contingências da evolução social e política do país, quando durante a Revolução Cultural (1966-1976) as instituições museais foram fechadas e seus funcionários mandados às zonas rurais para trabalharem como camponeses. Por fim, é a partir de 1978 com a política de reformas e abertura que o país logrará subtrair-se ao passado errático de um século e meio de convulsões sociais, econômicas e políticas que transformara o antigo Império Chinês em um gigante de “pés de barro”¹⁵. É desde então que o desenvolvimento museal definitivamente entra em uma nova fase, em uma factível primavera museal (sic do autor) com o surgimento de milhares de novos museus estatais e o ressurgimento de museus privados. Como podemos observar na Tabela 8 o número de museus começa a ampliar-se nos anos 1970.

15 A exemplo do que Vizentini (2006) escreveu sobre o Brasil, a China era um país gigantesco e populoso, mas completamente miserável, com infraestrutura muito precária e mínima capacidade de ação geopolítica.

Tabela 8 – Número de museus na China (1929-1978)

Ano	1929	1939	1949	1952	1957	1978
Nº Museus	10	72	21	40	72	349

Fonte: Zhongguo Bowuguan Xuehui, Zhongghuo Bowuguan Zhi (1995) e Zhongguo Tongjiju, Zhongguo Tongjizhaoyao (2008) apud Xiangguang (2008).

Desde então, o planejamento do governo chinês para as atividades museais permitiu que estas se desenvolvessem em ritmo acelerado, de modo a até mesmo tornar-se líder no desenvolvimento em tipologias específicas, como na dos geoparques globais, objetivando o progresso conjugado dessas instituições ao turismo e ao desenvolvimento ecológico sustentável do país.

3.2 A Primavera Museal Chinesa

Como observado no capítulo 2, o governo chinês vem estimulando as capacidades econômicas de modo a proporcionar desenvolvimento científico e tecnológico e redistribuição de renda de maneira a garantir um amplo mercado de consumo em um país com excelente infraestrutura nacional. Isso igualmente se refletiu no desenvolvimento do turismo e das atividades culturais, que a princípio tiveram uma evolução mais lenta, mas nos últimos anos passaram a evoluir no ritmo do grande crescimento econômico dos demais setores.

Em 1978 o governo chinês elaborou uma nova abordagem para o planejamento econômico e político do estado chinês visando superar as debilidades econômicas e sociais e o subdesenvolvimento do país por meio de uma nova política, denominada de reformas e abertura na qual se estabeleceu uma economia socialista de mercado, na qual, a propriedade das terras foi repassada para uso por arrendamento aos agricultores. Nas cidades e igualmente no campo, empresas privadas foram permitidas e áreas econômicas especiais em cidades litorâneas foram criadas, para a instalação de indústrias estrangeiras com a participação do estado e com o compromisso de transferência de tecnologias. E, ainda, o governo não permitiu ao capital estrangeiro a livre circulação do capital financeiro especulativo¹⁶ (capitais andorinhas) e mantém a estabilidade constante da moeda nacional. Esse programa além de garantir imunidade às crises econômicas internacionais, que costumam abalar as economias dos países

¹⁶ Para informações detalhadas sobre o funcionamento do modelo econômico chinês consultar Pereira (2009) e Pomar (2009).

subdesenvolvidos, permitiu um crescimento econômico ininterrupto à taxa anual superior a 10% até os anos 2000, quando por volta da metade desta década reduziu-se a um patamar menor próximo dos 10%. Atualmente encontra-se em torno de 6% ao ano.

Essa política logrou efetivamente desenvolver as potencialidades econômicas, sociais e culturais do país fazendo que se tornasse a segunda maior economia do mundo em dólar e a primeira em paridade do poder de compra, sendo o maior mercado produtor e consumidor mundial. Como sua população é 4,3 vezes maior que a dos Estados Unidos, seu consumo per capita é cerca de 3,25 vezes menor que a de cada estadunidense (CRÉDIT SUISSE, 2019 e ALMANAQUE ABRIL, 2015).

Em 1978 o país tinha apenas 349 museus (KIM, 2011), todos estatais. Com a política de reformas voltaram a surgir as instituições museais privadas pertencentes a indivíduos, sindicatos ou empresas. O interesse pelo colecionismo se disseminou pelo país e surgiram diversas novas tipologias de instituições museais, ao mesmo tempo em que o governo, por meio do Escritório de Relíquias Culturais do Ministério da Cultura, passou a dar apoio à formação de coleções particulares visando à proteção do patrimônio cultural nacional. Como explica Xiangguang (2008) muitos desses museus eram instituições museais residenciais, pois se localizavam na casa do colecionador de um determinado objeto. A entrada era franca e visava mais a demonstrar o status de seu proprietário. Não dispunham de funcionários nem estavam organizados de acordo com os parâmetros museológicos. Alguns desses museus lograram obter financiamento de governos locais, como o Museu Nacional de Literatura Moderna Chinesa criado pelo escritor Ba Jin, em 1985, para a construção de um amplo e moderno prédio no subúrbio da capital chinesa, em 1993. Também o Museu de Arte Yan Huang, do artista visual Huang Zhou, obteve subsídios da municipalidade de Pequim. Estes museus observamos nas Figuras 4 e 5.

Figura 4 – Museu Nacional de Literatura Moderna Chinesa.



Fonte: Tripadvisor. Acesso em 20 jul. 2020.

Figura 5 – Museu de Arte Yan Huang



Fonte: Xiangguang (2008, p. 44)

Nos anos 1990, diversos governos municipais e provinciais começaram a estabelecer leis regulatórias com os parâmetros para a fundação, administração e manutenção de instituições museais. Estas leis e a fiscalização por parte de órgãos reguladores também visavam evitar a compra ilegal (receptação de bens roubados) e o tráfico de bens culturais. Alguns desses governos também criaram índices¹⁷ de classificação de qualidade dos museus. Em 1982 o governo nacional promulgou a Lei de Proteção de Bens Culturais (PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 1982). A partir de então as agências culturais nacional e regionais estabeleceram critérios para o funcionamento dos museus para que se adequassem aos atuais métodos de trabalho museológicos, visto que segundo Kim (2011) a sociedade chinesa tem muito apreço por classificações, e tanto os museus como as coleções museais são avaliados por critérios criados pelo governo.

Ao iniciar-se o século XXI, uma nova classe de empresas chinesas começou a consolidar-se e, com isso, o mecenato de museus privados por parte de grandes empresários tornou-se mais comum, proporcionando recursos financeiros que garantissem a manutenção dos museus e a profissionalização de suas equipes de trabalho. Alguns desses museus estão relacionados à(s) mercadoria(s) ou serviço(s) fabricado(s) ou realizado(s) pela empresa. O Ministério da Cultura chinês também lançou em 2006 a “Metodologia de Gerenciamento em Museus” (XIANGGUANG, 2008) cujo objetivo é estimular o desenvolvimento dos museus privados como meio de enriquecimento sociocultural do povo e de estimular seu interesse pela preservação do patrimônio cultural nacional.

Como escreveu Su Donghai (2008) os museus chineses sempre tiveram uma missão revolucionária em defesa da cultura e das tradições nacionais e de sua preservação. Com a política de reformas e abertura o governo estabeleceu o objetivo de construção de um socialismo adaptado à realidade chinesa, isso conduziu aos profissionais de museus do país a igualmente pensarem em uma museologia tipicamente chinesa. Mas como disseram Peter van Mensch e Martin Scharer em conversa com Donghai (2008), não existe possibilidade de construir-se uma teoria museológica específica para um país ou região, visto que a ciência é única ou então não seria considerada ciência. Esta confusão induzida pelas características da realidade da evolução econômica e política chinesa, é a mesma que ocorreu a Marx no século XIX em relação a avaliação das ideologias, ao imaginar que capitalismo e feudalismo seriam

17 Para os padrões de classificação de museus chineses confira Guojia (2008).

ideologias exclusivamente europeias, o que é um equívoco, visto que as ideologias não têm caráter nacional, a evolução das diversas civilizações humanas ocorre em estágios distintos, não significando com isso que existam ideologias específicas para cada civilização.

Como descreveu Denton (2014) os museus como instituições típicas da era Moderna, momento da ascensão da burguesia ao controle do estado, surgiram com função pedagógica a serviço do nacionalismo, que sofre adaptações de acordo a especificidades de cada país e, também, a fatores da evolução social da humanidade. É o caso, por exemplo, dos anos 1960 com a eclosão dos movimentos de direitos civis, que geraram a demanda por museus étnicos como os museus afro-americanos ou afro-brasileiros e os museus de nativos americanos. Igualmente a luta por direitos sociais fez emergirem os museus comunitários (DENTON, 2014 e GIRAUDY; BOUILHET, 1990).

Na China, por ser um estado plurinacional, onde convivem 55 minorias étnicas nacionais, a questão das nacionalidades se faz presente no cotidiano da vida em sociedade. Assim, o governo a partir de 1949 estimulou a criação de diversos “minzu bowuguan” (museus de nacionalidades), conforme Kim (2011). Um grande museu de nacionalidades foi inaugurado na capital em 1956 e rebatizado de Palácio Cultural das Nacionalidades, em 1958.

As grandes transformações econômicas e sociais pelas quais vêm passando o país desde as reformas econômicas impulsionaram um desenvolvimento extraordinário das forças produtivas, e o setor cultural não foi exceção. As instituições museais chinesas se multiplicaram e se diversificaram não somente em quantidade, mas igualmente em qualidade. Enquanto no ocidente as instituições museais tiveram um caráter mais elitista e tradicional como analisado por Darbel e Bourdieu (2007) que em suas pesquisas realizadas em 1964-65 em museus de arte europeus perceberam que a frequência a museus aumenta à medida que o nível de instrução é mais elevado, na China estas instituições foram concebidas como estando a serviço do povo para o seu aprimoramento espiritual e intelectual e, sendo simultaneamente instituições educacionais, culturais e de pesquisa científica, com livre acesso a toda a população em uma sociedade igualitária de baixa renda. Com as reformas econômicas, os museus também tiveram alterados os seus modelos de atuação e de apresentação de suas exposições, tendo que se adaptar a novas realidades de pluralismo econômico, social e cultural de uma sociedade de classes. Novos questionamentos passaram a fazer parte da ordem do dia e o modelo de

“marketização”¹⁸ se incorporou à gestão das instituições. Todavia, isso não significa que a sociedade chinesa tenha se tornado uma sociedade exatamente idêntica às ocidentais.

Um exemplo disso podemos observar na Figura 6 que mostra o mural de entrada da exposição realizada em 2006 no Palácio Cultural das Nacionalidades (Minzu Wenhua Gong), em Pequim. No título em inglês lê-se “Exposição de direitos humanos na China”, mas no título em chinês está escrito “Exposição de direitos chineses” (Zhonguórén quan zhân). A ênfase do governo chinês está nos direitos econômicos e sociais proporcionados ao seu povo por meio do crescimento econômico e da redistribuição de renda. No Ocidente a ênfase se dá na ideia de direitos políticos, como a da liberdade de expressão e de opinião. Os direitos sociais como os direitos trabalhistas e o de garantia de renda não são percebidos como direitos no mundo ocidental, tanto que os governos podem suprimir os direitos trabalhistas através de reformas legislativas, como vem ocorrendo em vários países. Os direitos econômicos no mundo capitalista subsumem-se aos interesses de acumulação permanente do capital, de modo que não importa que as pessoas sejam prejudicadas ou mesmo que sofram consequências graves como até mesmo a morte. Um exemplo dessa situação podemos observar explicitamente na atual pandemia do novo corona vírus, onde empresários e governos pressionaram e continuam pressionando para que a indústria e o comércio continuem funcionando normalmente, não importando quantas pessoas venham a morrer. Na China o governo tem total autonomia para impor medidas que sejam necessárias para proteger a população, o que explica o baixíssimo índice de contaminação no país¹⁹.

18 “[...]a difusão de padrões de consumo tão amplos a ponto de abraçar todos os aspectos e atividades da vida pode ser um efeito colateral inesperado e não planejado da ubíqua ‘marketização’ dos processos da vida.” Bauman (2007, p. 116) apud Bossle (2009, p. 51).

19 Em 29 set. 2020 a China tinha 90509 infectados, sendo o 43º país em nível mundial, o equivalente a 1 infectado por 16000 habitantes. O Brasil tinha 4745464 infectados, sendo o 3º no mundo, com 1 infectado por 45 habitantes. O Rio Grande do Sul com apenas 11 milhões de habitantes tem mais que o dobro de infectados que a China que possui 1, 43 bilhões de habitantes. Fonte: Johns Hopkins University. Disponível em: <<https://coronavirusjhu.edu/map.html>> Acesso em 29 set. 2020.

Figura 6 – Mural da entrada da Exposição de Direitos Chineses



Fonte: <realliyida.blog.sohu.com/23197321> Acesso em: 22 jul. 2020.

Os museus como instituições dependentes majoritariamente do estado, mesmo quando privados, portanto estando imbuídos nas políticas de construção da identidade nacional e de legitimidade política estatal, também são influenciados pelas transformações da realidade nacional de cada país. No Ocidente com o fim dos impérios coloniais houve a necessidade de modificação do discurso expositivo de louvação às glórias da missão civilizadora das sociedades europeia e norte-americanas. A partir dos anos 1990 com o fim dos regimes socialistas na URSS e no Leste Europeu, a mística do papel revolucionário do marxismo desvaneceu-se. Assim, o governo chinês voltou-se ao passado das tradições confucionistas e imperiais, quando o país fora a maior potência econômica e tecnológica, como meio de reafirmar sua legitimidade. A filosofia confucionista tida como atrasada e retrógrada durante o período maoísta foi recuperada como um elemento cultural basilar da sociedade chinesa, já que a defesa de uma

sociedade harmônica combina muito bem com o objetivo de redistribuição de renda e de atingir uma sociedade de médio bem-estar social com a erradicação da pobreza.

3.3 1998-2019: A Grande Expansão Museal

A partir da virada do século XX para o XXI com o progressivo ascenso econômico chinês, o crescimento dos investimentos em instituições museais também se acelera. A especialização tipológica e temática chega ao país. Assim surgem os primeiros ecomuseus nas regiões rurais e os recém-criados geoparques globais. Com a crescente ampliação da capacidade financeira das empresas nacionais, o mecenato torna-se mais comum. Os artistas visuais chineses passam a ganhar status e o país se torna o que tem o maior número de artistas no Top 500 da Artprice²⁰ em 2018. A seguir apresentamos nas tabelas 9 e 10 o crescimento do número de museus e o de visitantes neste período.

Tabela 9 – Número de museus na China (2000 – 2019)

Ano	2000	2008	2019
Nº de museus	1392	2300	5535

Fontes: Zhongguo Bowuguan Xuehi, Zhongguo Bowuguan Zhi (1995), Zhongguo Tongjiju, Zhongguo Tongjizhaoyao (2008), apud Xiangguang (2008), Xinhuanet (2020).

Tabela 10 – Número de visitantes a museus na China (1998 – 2019)

Ano	1998	2007	2019
Nº visitantes (milhões)	88,44	256	1230

Fonte: Zhongguo Tongjiju (Departamento Nacional de Estatísticas da China) apud Xiangguang (2008), Xinhuanet (2020)

Como pode-se observar o número de museus quadruplicou em apenas 19 anos e cresceu quase 1500 % em relação a 1978. O número de visitantes aumentou mais de 14 vezes em 19 anos, o que é compatível com a melhoria do padrão de renda da população chinesa verificada nestas duas décadas. O planejamento do governo chinês prevê um total de 6500 museus, segundo Kim (2011). A melhoria da qualidade destas instituições também faz parte dos objetivos estratégicos do governo nacional para o setor museal. Kim informa que, em 2008, cerca de 20% dos museus chineses, eram na verdade, acervos museais em um prédio ou sala, similar ao que ainda há em muitas localidades do

²⁰ Banco de dados sobre obras de arte. Disponível em: <www.artprice.com/artprice-reports/the-art-market-in-2018/ranking-of-the-top-500-artists-by-auction-turnover-in-2018/top-500-artists> Acesso em: 22 jun. 2019.

Brasil. Todavia, à medida que a infraestrutura do país vai se ampliando e qualificando, as instituições vão se aprimorando e melhorando em suas materialidades, recursos humanos e financiamento. A frequência a estas instituições cresce em níveis similares ao do crescimento das demais atividades culturais e das turísticas. A capacidade de resposta às demandas das instituições, que a autonomia do planejamento descentralizado proporciona, aliada ao desenvolvimento econômico dinâmico chinês, garante que elas tenham um padrão de qualidade e de atuação cada vez mais similar ao das melhores instituições museais internacionais e sem solução de continuidade.

3.4 A Evolução do Turismo Chinês

O turismo na China esteve muito prejudicado no decorrer do século XX em virtude da situação política de país ocupado por diversas potências imperialistas, além da fragmentação do território nacional em múltiplos feudos. Ademais, a ausência de um real governo central controlando o território, implicou na impossibilidade de organização de uma agência de coleta de dados para fins estatísticos, e, assim, impossibilitando a obtenção de informações sobre o turismo no país na primeira metade do século passado. A partir da Revolução Chinesa, a situação social de uma sociedade sem classes, gerou a realidade de que a população chinesa não podia viajar a lazer fosse ao exterior ou pelo país. Os poucos turistas estrangeiros que visitavam o país eram autoridades estrangeiras ou militantes de movimentos ou partidos políticos marxistas²¹ de outros países.

É a partir de 1978 que lentamente o fluxo turístico, tanto o doméstico, como o externo começou a ampliar-se até o país tornar-se o mais visitado do mundo e também o que mais envia turistas ao exterior. Nesta pesquisa consideramos os dados estatísticos referentes às cidades autônomas de Macau e Hong Kong somados aos da China, diferentemente do que faz a UNWTO, que considera estas cidades como países, pelo fato de terem uma moeda própria e necessidade de um visto específico para visitantes estrangeiros, este também sendo necessário para visitar as outras regiões autônomas da China. Como referido pelo IBRAM (2013) uma das principais barreiras à expansão do turismo cultural é a social e não apenas a econômica. E é exatamente o que se passa na China. A redistribuição de renda que vem se processando continuamente, proporciona

21 Seguidores do marxismo. Marxismo: m. 1 Filos. Doutrina econômica, política e filosófica elaborada por Karl Marx, partindo do estudo das relações econômicas da produção. Se fundamenta na interpretação materialista da dialética de Hegel aplicada ao processo histórico e econômico da humanidade, e é a base teórica do comunismo e de algumas correntes do socialismo. In: Espasa Calpe (2008).

uma ascensão social que gera uma ampliação do mercado cultural e conseqüentemente do turismo, em maior escala o doméstico, mas igualmente com crescimento considerável no turismo externo. Os investimentos públicos em infraestrutura e o marketing sobre os atrativos culturais buscam garantir não somente as metas do planejamento, mas sobretudo o deslocamento seguro e confortável e o maior acesso possível ao máximo de visitantes e viajantes. Nas tabelas 11 e 12 a seguir seguem a evolução do número de turistas estrangeiros e o de patrimônios da humanidade na China.

Tabela 11 – Turistas estrangeiros na China

Ano	1978	1985	1995	2018
Turistas (milhões)	0,23	1,37	5880	120,7

Fontes: Zhang et al. (1999), <www.stats.gov.cn/english/statisticaldata/yearlydata/YB1999e/r06e.htm> Acesso em 19 out.2020 e UNWTO World Tourism Barometer 2019.

Tabela 12 – Quantidade de Patrimônios da Humanidade na China

Ano	1987	2000	2010	2019
Patrimônios	6	27	40	55

Fonte: <whc.unesco.org/en/list> Acesso em: 10 jul.2020

Como se pode observar, é a partir das políticas econômicas de reforma e abertura que o turismo passa a existir enquanto um setor de atividade econômica. É, também, o momento em que a China passa a inscrever patrimônios da humanidade, do qual o país se tornou o maior detentor, em empate com a Itália, conforme os dados da UNESCO. Igualmente tem a maior quantidade de geoparques globais. Mas, o fator fundamental para o crescimento dessas atividades e instituições é o imenso investimento em infraestrutura em todo o território nacional e o aprimoramento tecnológico, o que foi possível graças a um projeto nacional (VIZENTINI; RODRIGUES, 2000 e POMAR, 2009) de desenvolvimento autônomo e à política de planejamento central descentralizada com amplo engajamento das instituições públicas e privadas e da sociedade.

4 OS MUSEUS E O TURISMO NO BRASIL

O Brasil no conjunto das nações do mundo constitui uma realidade muito sui generis, visto ser a única de extensão continental, que é um país subdesenvolvido²², com uma economia agrária exportadora controlada por uma burguesia compradora²³ associada ao capital estrangeiro, do qual é totalmente dependente. Esta burguesia como define Maricato (1995) pratica uma política de desenvolvimento moderno do atraso, isto é, promove uma modernização das infraestruturas do país com pesado endividamento público externo e interno, mas mantém a propriedade fundiária e de renda concentrada nas mãos de uma ínfima minoria da população, numa típica sociedade de capitalismo periférico dependente, subordinado aos interesses do capital. Como Guimarães (2006) escreve, sempre que se tenta uma proposta para superar estes mecanismos de concentração de poder e de renda e de manutenção subordinada do país, levantam-se poderosas forças contrárias que impedem a colocação em prática dessas propostas de superação do atraso e subdesenvolvimento nacional.

Temos, assim, como afirma Maricato (1995) uma sociedade de classes com relações calcadas no favor, no privilégio e na arbitrariedade cujo resultado é o gigantesco índice de criminalidade que assola a maioria das cidades do país, a miséria extrema dos casebres empilhados nos muitos loteamentos irregulares das vilas populares e a precariedade dos serviços públicos.

É esta lógica das ideias fora do lugar (SCHWARZ, 1973) que o “apartheid” social informal brasileiro gera, que também influencia no desenvolvimento anômalo tanto das

22 Nesta pesquisa assume-se que os países são desenvolvidos ou subdesenvolvidos, visto que pressupor “em desenvolvimento” significaria afirmar que todos os países do Terceiro Mundo tornar-se-ão desenvolvidos, o que é um contrassenso. Países continentais são os com território superior a cinco milhões de km², ou seja, Rússia, Canadá, China, Estados Unidos, Brasil e Austrália.

23 A expressão “burguesia compradora” foi cunhada por Mao Zedong durante a década de 1920. Mao identificou dois grandes segmentos na burguesia chinesa. O primeiro era a genuína burguesia nacional, formado em sua maioria, por pequenos e médios industriais e comerciantes. Este setor era um aliado potencial dos trabalhadores, já que tinha real interesse no desenvolvimento autônomo da economia chinesa contra a ingerência imperialista. O segundo era o que ele chamou de **burguesia burocrática**, constituída por grandes empresários vinculados ao sistema de poder latifundiário imperialista. A burguesia burocrática divide-se em duas frações: a **burocrática propriamente dita**, cujo poder reside, antes de tudo, na relação privilegiada com as estruturas e a **compradora**, que, sem abrir mão desse aspecto, tem na associação com o capital externo sua razão de ser, atuando como extensão dele. Na China, esta última fração era constituída, principalmente por comerciantes que adquiriam produtos europeus (preferentemente ingleses) para revendê-los, controlando o mercado local em regime de monopólio. Daí a origem da expressão. O que caracteriza determinados setores da burguesia do Terceiro Mundo como compradores, porém, não é necessariamente a atuação como intermediários mercantis (que pode ocorrer ou não), mas sobretudo, a integração subordinada à cadeia produtiva dos monopólios transnacionais (que pode assumir várias formas). Para mais informações consultar: Magalhães (2008).

atividades museais quanto do setor turístico nacional. Em uma sociedade na qual o estado está a serviço da defesa dos interesses privados em detrimento dos interesses públicos, a anomia, o caos social, o clientelismo e a violação de direitos constituem a norma, sem que tudo isso seja percebido como ausência de democracia ou atentado aos direitos humanos. É um liberalismo de retórica democrática mas de prática segregadora, discriminatória e negacionista de direitos.

Um negacionismo até mesmo incorporado como programa de governo na negação do aquecimento global com consequências severas para os biomas terrestres e marítimos do país, e das políticas econômicas de austeridade a serviço da especulação financeira de poucos milhares de rentistas, igualmente afetando gravemente o relacionamento entre as classes sociais no sentido do esgarçamento da convivência solidária, propiciando uma crescente desarmonia social.

Tudo isto, evidentemente, acarreta profundos impactos nas atividades museais e turísticas como observaremos nos subcapítulos a seguir.

4.1 Os Museus no Brasil: 2000 a 2018

Os anos 1990 no país se caracterizaram por uma fortíssima contração no gasto público e por ampliação da carga tributária, majoritariamente em impostos indiretos, ressaltando seu caráter regressivo. O investimento estatal foi mínimo, o que conduziu a uma gravíssima precarização do serviço público e das infraestruturas nacionais.

Nas atividades culturais a austeridade também se fez presente. A situação ficou mais deteriorada em razão de que, como cita Vasconcellos (2006, p. 47): “o mundo da preservação patrimonial – onde estão inseridos os museus – foi sempre percebido como uma função do estado.” Função esta que o estado brasileiro em seus três níveis de governo, sempre negligenciou e que se acirra ainda mais em períodos de recessão, como é o caso que estamos vivenciando desde 2015.

O mecanismo encontrado pelo governo para contornar a escassez de recursos financeiros à cultura que as dívidas públicas externa e interna geravam foi o da regulamentação do “mecenato” por meio de renúncia fiscal. Com a criação da Lei Rouanet²⁴, na qual a empresa ou o doador individual faz uma doação duplamente condicionada, através do abatimento do que foi doado na declaração do imposto de renda

24 Lei 8313 de 23 nov. 1991.

e com o interesse de marketing em divulgação da marca e da consequente ampliação das vendas da empresa.

Esse modelo dificulta a obtenção de recursos financeiros para instituições culturais como bibliotecas, arquivos e museus, já que estas proporcionam menor visibilidade à marca do doador, pois estas instituições têm pouco apelo popular. A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, como analisou Vicente (2017), elaborou projeto para o restauro de seu prédio no valor de onze milhões de reais. Devido à dificuldade de captação, o projeto foi reformatado para nove milhões de reais, todavia a BPERS só conseguiu captar dois milhões e quinhentos mil reais.

O investimento do governo federal até o princípio deste século no setor museal era extremamente insignificante. Em 2001 foi de tão somente vinte milhões de reais (IBRAM, 2017). Mesmo tendo sido decuplicado para duzentos e dezesseis milhões de reais em 2011, era um valor pequeno, quando comparado ao orçamento de um único museu europeu, chinês ou norte-americano. O Museu do Louvre, em 2014, tinha um orçamento de duzentos e onze milhões de euros²⁵ (seiscentos e trinta e três milhões de reais na época).

O governo federal a partir de 2003, ciente da importância da dimensão econômica da cultura no desenvolvimento econômico e social, estabeleceu programas para uma política cultural cujas metas estavam relacionadas a três dimensões a saber: a da cidadania, garantindo o direito ao acesso; a simbólica com estímulo ao processo criativo; e a econômica orientada ao desenvolvimento socioeconômico local e regional. Assim, o então Ministério da Cultura pioneiramente criou e estimulou programas direcionados à economia da cultura e, em particular, à da importância dos museus enquanto agentes de desenvolvimento econômico e cultural. Em 2003 foi lançada a Política Nacional de Museus; em 2004, criado o Departamento de Museus (DEMU) do IPHAN; em 2006, o Cadastro Nacional de Museus e, por fim, em 2009, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o que garantiu autonomia de ação e ampliação do orçamento para as demandas museológicas. Foram criados os programas: Brasil Patrimônio Cultural; Monumenta; e o Museu, Memória e Cidadania, além dos pontos de cultura nos quais foram investidos quinhentos e noventa e seis milhões de reais entre 2003 e 2010 (SECOM/PR, 2010). Abaixo são apresentadas nas Figuras 7 e 8, duas instituições museais, que foram financiadas pelos programas culturais do MinC.

25 Musée du Louvre, 2014. Disponível em: <www.louvre.fr/sites/default/files/rapport_activite/fichiers/PDF/louvre-2014-annual-report.pdf> Acesso em: 20 jul. 2020.

Figura 7 – Pinacoteca Ruben Berta



Fonte: Blog da Pinacoteca Ruben Berta. Autora: Cristine Rochol.

A Pinacoteca Ruben Berta é um exemplo bem sucedido da ação efetiva do estado para gerar impactos positivos na concepção da economia da cultura. Um prédio abandonado, em péssimo estado de conservação, que foi recuperado pelo Programa Monumenta, e, assim possibilitou uma ampliação da vida cultural da cidade, estimulou e complementou as atividades educativas das redes escolares e promoveu o turismo, gerando, portanto, deste modo amplos impactos econômicos através de seus diversos efeitos, conforme podemos observar na Tabela 13.

Os pontos de cultura foram criados pelo governo federal com o objetivo de apoiar as comunidades periféricas, gerando acesso à cultura e estímulo à economia popular por meio de atividades culturais. Dentre estes, no Programa Memória e Cidadania, temos os Pontos de Memória que “[...] buscam o empoderamento social e o desenvolvimento cultural, por meio da afirmação da identidade, da apropriação do patrimônio cultural e da construção da memória social.” (IBRAM, 2013, p. 24).

O Ponto de Memória Museu de Favela do Rio de Janeiro atua neste espírito de gerar um sentimento de identidade social e a busca pelo resgate da memória coletiva de

comunidades periféricas, estimulando o aumento da autoestima da população por meio do trabalho com cultura e turismo, auxiliando assim a redução da pobreza e da violência.

Figura 8 – Ponto de Cultura Museu de Favela



Fonte: IBRAM (2013)

Todos os programas e investimentos implementados a partir dos anos 2000 estavam relacionados ao projeto de governo de então que reconhecia a dimensão econômica da cultura e a sua importância no desenvolvimento social do país e, neste particular o setor museal, como cita o IBRAM:

A partir desta perspectiva, embora os museus sejam bens culturais públicos, para os quais não se aplica a lógica da busca pelo lucro, essas instituições provocam diversos impactos econômicos diretos – analisados por meio de quanto geram em termos de emprego e renda e de quanto produzem de valor adicional em outros setores, efeitos que são tratados pela economia como multiplicadores – e externalidades positivas,[...] (IBRAM, 2017, p. 32).

Tais programas e seus impactos observamos na Tabela 13 a seguir.

Tabela 13 – Impacto econômico total dos museus (Método dos efeitos)

EFEITOS DIRETOS

- 1) GASTO PÚBLICO PROGRAMA CULTURAL: salários; compras; aluguéis; programação; promoção; difusão e publicidade.
- 2) GASTO TERCEIRO SETOR: salários; compras; aluguéis; programação; promoção; difusão e publicidade.
- 3) GASTO PÚBLICO DOTACIONAL: infraestruturas turísticas.
- 4) GASTO PRIVADO DOTACIONAL: infraestruturas turísticas.

EFEITOS INDIRETOS

GASTO PRIVADO CONSUMO CULTURAL*: alojamento; alimentação; transporte; compras; entradas.

EFEITOS INDUZIDOS

IMPACTO ECONÔMICO TOTAL: local; regional; nacional.

EFEITOS EXTERNOS

IMPACTO ECONÔMICO AMPLIADO: melhor imagem do município, maior bem-estar social.

* economia formal e informal.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com dados de Rausell et al.(2011) apud IBRAM (2017).

Esses impactos econômicos dimensionados em seus efeitos diretos, indiretos, externos e induzidos se refletem no incremento da demanda de bens e serviços de vários setores da economia; na geração de emprego e renda; no desenvolvimento econômico e social local, regional e nacional; e na melhoria de imagem dos locais e na ampliação do bem-estar social. O estímulo, portanto, às instituições e às atividades culturais é um fator de melhoria e incremento da economia em múltiplos setores de atividades, dentre as quais se inclui o turismo. Cultura e Turismo, tem uma imensa sinergia em sua capacidade de agregação de benefícios econômicos e sociais em prol de uma sociedade de promoção de benefícios que demandam o máximo de atores envolvidos.

Estes projetos e programas de estímulo à economia da cultura caso tivessem continuidade e ampliação progressiva dos investimentos poderiam ensejar um panorama alvissareiro de desenvolvimento e aperfeiçoamento das atividades e das instituições culturais e, assim, um reforço ao crescimento econômico. Contudo, a partir de 2013, a situação econômica, política e social do país começou a deteriorar-se lentamente, ocasionando uma quebra na continuidade dos programas. Os investimentos foram sendo reduzidos e contingenciados pelos governos federal, estaduais e municipais e não se tratou de coincidência o fato de diversas instituições culturais passarem por dificuldades financeiras que acarretaram em prejuízos ao funcionamento destas, com consequências

até mesmo, catastróficas, como os sinistros ocorridos em algumas instituições museais nos últimos anos.

Esta situação complexa demonstrou o que Funari e Pinsky (2007) constataram, que apesar de nossos museus disporem de preciosos acervos, em muitos casos são subaproveitados por atuarem à margem dos princípios museológicos. E esta situação problemática se acentua com a carência de recursos que assola a maioria das instituições museais nacionais.

Comprova-se assim a realidade brasileira de um país de capitalismo dependente em que até mesmo o desenvolvimento moderno do atraso, como definiu Maricato, também pode sofrer paralisação em momentos de crise. Com a recessão econômica a partir de 2015, milhares de obras de infraestrutura²⁶ foram paralisadas. Na cultura, além do corte de gastos, dos obstáculos impostos à disputa pelos escassos recursos da renúncia fiscal, até mesmo o Ministério da Cultura foi extinto.

A seguir apresentamos as Tabelas 14, 15 e 16 com as quantidades de museus e de visitantes no Brasil e da proporção da riqueza relativa da população brasileira.

Tabela 14 – Total de museus no Brasil

Ano	1989	2010	2018
Museus	1158	3025	3769

Fonte: IBRAM – Resultados FVA 2018 e Museus em Números Vol. 2

Tabela 15 – Total de visitantes aos museus no Brasil

Ano	2001	2009	2018
Visitantes	15307421	80000000	38463602

Fonte: Museus em Números vol. 1, Nascimento Jr, José do. Economia de Museus e Formulário de Visitação Anual 2018.

Tabela 16 – Distribuição relativa da riqueza nacional brasileira (US\$ dólares)

< 10.000	10.000 a 100.000	100.000 a 1.000000	> 1.000000
70%	27,41%	2,42%	0,17%

Fonte: Crédit Suisse. Global Wealth Report 2019.

Nestas três tabelas verificamos as condições sociais, econômicas e a sua relação ao desenvolvimento museal do país. Diferentemente do que ocorre na China, aqui não existe melhoria da redistribuição de renda conforme podemos perceber na tabela 16,

²⁶ Câmara Federal. Disponível em: <www.camara.leg.br/noticias599773-livro-aponta-14-mil-obras-publicas-paradas-custo-ate-agora-e-de-r-70-bi/> Acesso em: 20 jul. 2020.

onde 70% da população é pobre. Isso se reflete no baixíssimo índice de visitação a museus no país. Segundo pesquisa (ALZUGARAY; GAZIRE, 2011) realizada pela Fecomércio/RJ em 2009, apenas 4% dos brasileiros visitaram museus naquele ano.

4.2 O turismo no Brasil

O comportamento do setor turístico no Brasil tem se caracterizado pela pouca dinamicidade de seu desempenho, tendo em vista a altíssima concentração de renda no país que dificulta a incorporação da maioria da população ao seu usufruto. Além disso a precária infraestrutura nacional torna-se outro entrave ao pleno desenvolvimento das atividades culturais e turísticas. Em relação ao turismo internacional, o Brasil se notabiliza por ser um dos países que mais envia do que recebe turistas e por geralmente apresentar déficits muito elevados na balança turística (conferir Tabela 4). O turismo, percebido como uma atividade de privilégio em uma sociedade baseada no favorecimento e no clientelismo, reforça o caráter elitista deste setor econômico e assim os gastos da minoria privilegiada tendem a ser muito avultados. O turismo de compras e de estudo de idiomas tem um forte impacto nestes gastos no exterior.

Como cita Dias (2006) o Brasil, embora tenha recursos naturais e culturais extraordinários para o desenvolvimento da atividade turística, ainda está muito longe de auferir os dividendos que poderia com o turismo. O uso inadequado e modesto desses recursos se traduz em concentração e sobre-exploração de recursos, acarretando prejuízos ecológicos, sociais e de imagem. Uma política de marketing que era extremamente estereotipada (CAETANO, s.d. e GOMES, 2009) dificultava e prejudicava a divulgação e a atração de visitantes e um fluxo turístico externo em que as Américas representam 70% da afluência turística internacional do país (MTUR, 2019). Estas políticas governamentais de promoção do país no exterior, além disso costumam sofrer das mesmas oscilações que os investimentos dos demais setores da economia. O governo federal investiu 274,5 milhões de reais (SECOM, 2005) em promoção de turismo no estrangeiro de 2003 a 2005, valor 133 % maior que o investimento do triênio 2000/2002, e no último programa de marketing, o Plano Aquarela²⁷, lançado em dezembro de 2009 para o período de 2010 a 2018, onde se investiu 800 milhões de reais (89 milhões de reais anuais), mas a partir de 2019 o governo federal reduziu estes gastos

27 Para maiores informações: <www.embratur.gov.br/lai_embratur_secom/export/sites/lai/galerias/download/Plano_Aquarela_2020.pdf> Acesso em 10 ago. 2020.

com a promoção internacional ao turismo para 1/3 do valor até então investido. A EMBRATUR (2020) em 2019 investiu somente 8 milhões de dólares (32 milhões de reais ao câmbio da época). Atualmente o governo federal não tem um plano organizado de promoção turística no exterior.

Como demonstrou Santana (2014) o título de patrimônio da humanidade tem característica simbólica, de status dentro da realidade contemporânea, legitimação e reconhecimento internacional. Ele é utilizado pelos governos dos países como um estímulo à promoção turística, auxiliando a ampliar a visitação devido à grande visibilidade e atração que este gera. Mais recentemente surgiram os geoparques globais que, por enquanto, têm um apelo turístico menos evidenciado no país, que apesar de sua grande extensão territorial e geodiversidade, conta com somente o Geoparque do Araripe no Ceará. Mas no exterior são uma iniciativa bem sucedida em todos os campos de atuação. De apenas quatro na Europa, em 2000, passaram a 147 em nível mundial, em 2020. De acordo com a Rede Global de Geoparques:

Um geoparque representa uma área geográfica onde o patrimônio geológico faz parte de um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável. Em outras palavras, são um território aberto sem enquadramento legal, onde sítios geológicos de valor singular do ponto de vista científico, educativo, turístico e outros, criam os meios (geração de renda e empregos) para a preservação do patrimônio geológico. Além de difundirem o saber científico, promovem ações educativas para a popularização das Geociências e dessa maneira dão suporte ao desenvolvimento sustentável através do geoturismo. (SCHOBENHAUS e SILVA, 2012, p. 5).

Em ambos os casos, o Brasil deixa a desejar, visto que, a despeito de ser um país continental populoso, tem somente 22 patrimônios da humanidade, um único geoparque e igualmente o Museu do Amanhã, o único com público de um milhão de visitantes anuais. Como o turismo no país sempre foi percebido como uma atividade de elite e assim como cita Vasconcellos (2006) destinado a ser uma atividade exclusiva da iniciativa privada, que, coerente ao seu caráter elitista, costuma investir de maneira a maximizar seus ganhos, sem preocupar-se com o bem-estar e os interesses específicos dos viajantes e ou visitantes. A ausência, em geral, da integração entre o setor público e a iniciativa privada e de participação popular no planejamento do turismo, conduz a situações críticas como as que observaram as jornalistas Jennifer Bagget, Amanda Pressner e Holly Corbett (2011) que em suas viagens por diversos países do Terceiro Mundo elas encontraram trabalho infantil, turismo sexual, depredação dos recursos naturais, saturação dos ambientes e superexploração dos turistas com golpes e estelionatos diversos.

Nas Tabelas 17 e 18 abaixo tem-se o total de turistas estrangeiros no país e o de patrimônios da humanidade.

Tabela 17 – Turistas estrangeiros no Brasil.

Ano	1978	1985	1995	2018
Turistas	784316	1735982	1991416	6621376

Fonte: MTUR. Estatísticas Básicas de Turismo 2017/2018.

Tabela 18 – Quantidade de Patrimônios da Humanidade no Brasil.

Ano	1980	2000	2010	2019
Patrimônios	1	14	18	22

Fonte: www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/list-of-world-heritage-in-portuguese/
Acesso em 20 jul. 2020.

Como se pode perceber na análise da realidade da evolução do desempenho do turismo nacional, este está determinado pelas condicionalidades de nação periférica, que mantém um patamar de exploração econômica com mínimos índices de sustentabilidade. Como descreveu Nogueira (2014) durante a realização Copa do Mundo de Futebol de 2014, no Brasil, as instituições museais e órgãos públicos ligados ao Ministério da Cultura (MinC)²⁸ entraram em greve pouco antes do evento, comprovando o distanciamento entre o setor cultural público e o setor turístico privado, que desperdiçaram a oportunidade da massiva presença de turistas estrangeiros e nacionais para que as instituições se tornassem mais conhecidas e assim melhorando suas imagens e apelo turístico. Gastal (2005) refere que a sociedade pós-moderna é uma civilização das imagens. Que as viagens sempre estiveram relacionadas aos imaginários referenciados em imagens [...] o que é consumido não são produtos e serviços por si mesmos, mas a aura a eles agregada que se torna significado ou signo emancipado do produto em si. (GASTAL, 2005, p. 56). Saber estimular o desejo no consumidor é a função do marketing que apela aos imaginários produzidos a partir de imagens e às experiências possíveis de serem exploradas e proporcionadas pelos bens e paisagens existentes no mundo. E esse desejo deve se refletir na existência dos recursos turísticos disponíveis aos visitantes como cita Nogueira (2014).

Nesse sentido, as iniciativas dos atores públicos e privados está muito aquém das possibilidades possíveis de serem geradas no país. Temos o já citado caso dos geoparques. A SIGEP da CPRM até 2012 havia referenciado 167 sítios geológicos que

²⁸ Para mais detalhes, ler a notícia do jornal O Globo: <oglobo.globo.com/cultura/greve-no-ministerio-da-cultura-ameaca-funcionamento-de-museus-durante-copa-do-mundo12325665> Acesso em: 30 set. 2020.

poderiam vir a ser novos geoparques globais no país. Todavia, desde então nenhum outro foi criado. Estas instituições museais poderiam alavancar não somente o turismo, como a preservação do patrimônio ecológico, arqueológico, paleontológico e cultural do país além de promoverem o desenvolvimento sustentável ecológico e social. E isto fica mais incompreensível, se levarmos em conta a imensa destruição de dezenas de milhares de quilômetros quadrados que as queimadas na Amazônia²⁹, no Pantanal³⁰, no Cerrado e na Mata Atlântica estão gerando. Há ainda o prejuízo à imagem do país no exterior, resultando não apenas em perda de financiamentos estrangeiros, mas em redução de potencial turístico.

Igualmente temos as Denominações de Origem (MADUREIRA, s. d.) muito pouco desenvolvidas como recurso turístico, com exceção da do Vale dos Vinhedos do Rio Grande do Sul, que é um dos exemplos de caso turístico de grande desempenho no país. Como citou Menegat (2009) a cultura humana é dependente da natureza, e assim, portanto, relacionada a suas paisagens. A atual situação do país mostra uma realidade de completa subsunção da múltipla diversidade de biomas do país ao interesse econômico imediatista em detrimento do uso adequado e mais socialmente produtivo dessa geodiversidade nacional.

Enfim, pode-se observar que os recursos naturais e culturais de que o país dispõe permitiriam incrementar de maneira considerável o aperfeiçoamento para o uso sustentável das diversas instituições museais em sinergia com as demais instituições culturais e às turísticas.

29 <www.uol.noticias.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/06/02/estudo-aponta-que-38-mil-km-de-florestas-primarias-foram-destruidos-em-2019.html> Acesso em: 10 ago. 2020.

30 <g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/09/09/area-queimada-no-pantanal-ja-passa-de-2-milhoes-de-hectares-tamanho-referente-a-10-vezes-as-cidades-de-sp-e-rj-juntas.ghtml> Acesso em: 10 set. 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa por meio do levantamento bibliográfico de autores da Museologia e do Turismo, de documentos oficiais de institutos e órgãos de pesquisa e de notícias jornalísticas da internet procurou-se fazer a análise comparativa das realidades do setor museal do Brasil e da China. Com esta análise utilizou-se uma abordagem macroeconômica visando obter subsídios para a compreensão dos mecanismos da evolução de sociedades nacionais continentais com passado colonial, semicolonial e ou de subordinação ao imperialismo e de como estas se diferenciam em espaço de tempo tão breve.

A análise do percurso histórico da sociedade chinesa enquanto uma sociedade que baseada na filosofia confuciana, prezava a harmonia social e o respeito à hierarquia, que proporcionou a formação de um grande estado feudal unificado e responsável por avançadas tecnologias e grandes obras de infraestrutura a partir do século II a.C. Em grande medida, estas tecnologias chinesas, exportadas à Europa pela Rota da Seda foram responsáveis pela evolução mercantilista colonial e posteriormente do capitalismo imperialista europeu. Mas a preocupação em manter uma sociedade harmônica conduziu à estagnação econômica e tecnológica daquela, a qual foi facilmente derrotada e corroída, primeiramente pela Inglaterra e posteriormente por outras potências europeias e pelo Japão. Isto se refletiu igualmente no desenvolvimento de instituições culturais no país, as quais somente surgirão no século XX, tal qual os museus e universidades. Este atraso foi ainda maior na existência de atividades turísticas, pois em um país totalmente desestruturado por causa de guerras, revoltas camponesas e ocupações estrangeiras, não havia como viajar. Portanto, o turismo, tanto interno como externo, realmente passa a se desenvolver apenas no final dos anos 1970.

Como pode se observar nesta análise, um atraso econômico e social muito longo no tempo e nas infraestruturas no espaço pode ser muito rapidamente superado, desde que se tenha um projeto autônomo de desenvolvimento nacional. A originalidade chinesa não está em ter iniciado este projeto, visto que a Coreia do Sul e Taiwan já o tinham realizado a partir dos anos 1960 e o Japão desde 1868. O diferencial está na escala e na velocidade da consecução do programa de reformas. Dado se tratar de um país continental com uma população então majoritariamente rural e economia essencialmente agrária, em apenas 40 anos o país conseguiu tornar-se a segunda economia do mundo em PIB e a primeira em PPC, segundo o The World Factbook. O aperfeiçoamento da

capacidade tecnológica do país está cada vez mais evidenciado nas tensões comerciais geradas pelo uso da tecnologia 5 G de telefonia e internet.

Todavia como observou-se nesta pesquisa sobre as especificidades da realidade chinesa, a dificuldade de compreensão do processo de reformas chinês por parte do empresariado e dos acadêmicos ocidentais, dificulta e até mesmo impede uma avaliação objetiva deste. O professor Kirk Denton (2014) denomina de políticas neoliberais, as reformas empreendidas pelo país desde 1978, o que obviamente é um equívoco, visto que se assim o fosse, o gigante asiático teria uma situação não muito distinta dos países latino-americanos onde estas políticas foram amplamente adotadas, com consequências extremamente desastrosas economicamente e socialmente. É realmente difícil de entender um planejamento central descentralizado que é muito distinto do fracassado modelo soviético. Esse planejamento estabelecido pelo governo central em seus planos quinquenais, é adaptado e modificado de acordo com as necessidades de cada agente nos vários níveis de execução com o fim de garantir a conquista dos objetivos elencados nestes planos. Assim, do governo nacional aos provinciais, municipais, das comunas rurais e das empresas estatais e privadas, todos têm autonomia para agir de modo a garantir a melhor consecução possível dos objetivos. Isto é muito diferente de políticas de privatização e austeridade de estado mínimo, aplicadas permanentemente na maioria dos países de Terceiro Mundo, com os resultados negativos já sobejamente conhecidos. Na China não existe estado mínimo! A taxa anual de investimento estatal é superior a 40% do PIB e não há milhares de obras paralisadas como frequentemente ocorre no Brasil.

É este planejamento central descentralizado que é aplicado, obviamente a todos os setores de atividades, e os setores museal e o turístico não são exceção. O desenvolvimento das diversas tipologias de instituições museais funciona como um dos motores de alavancagem ao turismo bem como à promoção da sustentabilidade e desenvolvimento de novas tecnologias, incluídas as ambientais, vide a primazia do país na criação de geoparques globais. Neste século XXI, as atividades terciárias são as protagonistas da economia, e assim, a pesquisa científica, os serviços e o comércio são os setores preponderantes para a redistribuição de renda. O turismo envolve vários setores da economia, o que propicia uma ampla circulação de recursos financeiros e grande geração de empregos.

Diferentemente do que ocorre na China, o Brasil tem políticas econômicas desestruturadas, isto devido ao caráter periférico subordinado de sua classe dominante, que se reflete na grande concentração de renda, altíssima criminalidade, “apartheid”

social informal e precariedade de infraestruturas, com serviços públicos, em geral, precarizados. Esta realidade nacional perpassa quase todos os seus setores de atividades, sendo a cultura e o turismo os mais afetados, dado a maior dependência do poder público no primeiro e da necessidade de boas infraestruturas e garantia de segurança no segundo. Os recursos culturais e naturais extraordinários existentes, são inadequadamente aproveitados, ficando as instituições culturais e os fluxos turísticos muito concentrados em alguns poucos locais de sucesso. Os orçamentos das instituições são extremamente limitados para as necessidades destas, as obras de ampliação ou restauração demoram um bom tempo a sair do papel e há dificuldade em captação de recursos privados. Há uma destruição de enormes parcelas de biomas, os quais poderiam ser melhor utilizados para gerar renda e trabalho, e reduzir o impacto ambiental por meio de um turismo sustentável. Em suma, a obsessão da classe dirigente nacional por obter o máximo de ganhos exportando “commodities” minerais e agropecuárias, a médio e longo prazo voltar-se-á contra si mesma, com o efeito das secas cada vez mais prolongadas e intensas consequentes à redução da cobertura vegetal dos biomas.

No exame destes dois países foi possível constatar-se, que existindo um projeto nacional de desenvolvimento autônomo e interesse em implementá-lo, mobilizando todos os estratos sociais e os recursos e capacidades de seu imenso território continental e marítimo, e, assim garantindo a criação de capacidades tecnológicas avançadas, um país consegue superar as deficiências estruturais em curto prazo, por mais graves que sejam.

Em termos objetivos existem diferenciais intrínsecos aos países na atração de turistas e na maior obtenção de divisas; como estar mais próximos da China, da América do Norte e da Europa, que são os maiores mercados emissores de turistas e de maior gasto per capita; ser um país de língua inglesa ou espanhola, por serem os idiomas de maior uso como línguas internacionais ou contar com maior disponibilidade de atrações culturais e naturais. Em termos subjetivos o marketing, a criatividade econômica e social para prospecção de novas estratégias de dinamização de atividades, que proporcionem a incorporação de camadas segregadas da população e melhoria, portanto, da atratividade do país.

Embora o número de instituições museais no país venha aumentando, o Brasil está sendo ultrapassado pela China nos últimos dez anos. E o principal diferencial, é o fato de que a nação se mantém em uma política de desenvolvimento econômico e consequentemente cultural em “n”, isto é, de períodos de baixo crescimento sucedidos

por outros de recessão que é o típico de países de Terceiro Mundo sem projeto nacional de desenvolvimento.

Alterar a realidade cultural e turística nacional é plenamente exequível. A inclusão social das amplas camadas marginalizadas e segregadas da sociedade beneficiaria a toda a sociedade. Observando as peculiaridades históricas, geográficas e culturais do país e as utilizando com fins de transformação estrutural da nação resultaria em uma sociedade integrada e com menores contrastes sociais.

As capacidades e recursos naturais e humanos do país possibilitam a superação dos entraves ao seu desenvolvimento autônomo com sustentabilidade. A infraestrutura educacional e tecnológica nacional e comunitária do MERCOSUL é suficiente para fazer face ao enfrentamento de todas as adversidades para a plena realização de um projeto factível. No que se refere às instituições museais o impulso destas resultaria em grande impacto cultural, econômico e social tanto à população quanto aos visitantes.

Como observou Santana (2014) ainda há poucas pesquisas sobre as temáticas do patrimônio no campo museológico, e, igualmente como o desenvolvimento museal se insere no campo do patrimônio, seja cultural ou natural e em sua interface com o turismo, em particular o cultural, fazem-se necessários trabalhos de pesquisa sobre este setor de atividades. Deste modo se poderá proporcionar maiores conhecimentos sobre a realidade museal nacional como incentivo na busca para a superação dos entraves que obstaculizam as políticas de promoção e aperfeiçoamento destas.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. Gentrificação. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: USP, 2018. Disponível em: <[ea.fflch.usp.br/content/gentrificacao](http://www.fflch.usp.br/content/gentrificacao)> Acesso em: 20 jan. 2020.
- ARTPRICE. **Top 500 artists 2018**. Disponível em: <<http://www.artprice.com/artprice-reports/the-art-market-in-2018/ranking-of-top-500-artists-by-auction-turnover-in-2018/top-500-artists>> Acesso em: 22 jun. 2019.
- BAGGET, Jennifer; CORBET C., Holly; PRESSNER, Amanda. **Garotas perdidas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do Planejamento. Campinas: Papyrus, 2000.
- BONELA, Davi; COTIA, Ruy. **Museu do Amanhã abre as portas do mundo para meio milhão de brasileiros**. <<https://idg.org.br/node/671>> Acesso em 11 set. 2020.
- BORDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOSSLE, Cibele Biehl. **“Personal trainer e cia”**: Noções de marketing na literatura sobre treinamento especializado. Dissertação (Mestrado/Educação Física). ESEF/UFRGS, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18271/000728290pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em: 01 out. 2020.
- BRASIL. Lei nº 11904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 15 jan. 2009, seção 1, p. 1-4.
- _____. **Lei 8313/1991** (Lei Rouanet). Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm> Acesso em: 30 set. 2020.
- _____. **Lei 14013/2020**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei14013.htm> Acesso em 10 out. 2020.
- BRUM, Argemiro Luís; HECK, Cláudia Regina. **Economia internacional**: Uma síntese da análise teórica. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- CAETANO, Rossana. **A publicidade e a imagem do produto Brasil e da mulher brasileira como atrativo turístico**.(s.d.). Disponível em: <portcom.intercom.org.br/pdfs/165377778968172229752717149601241297537.pdf> Acesso em 5 out. 2020.
- CÂMARA FEDERAL. **Livro aponta 14 mil obras públicas paradas**. Disponível em: <<http://www.camara.leg.br/noticias/599773-livro-aponta-14-mil-obras-publicas-paradas-custo-ate-agora-e-de-r-70-bi/>> Acesso em: 10 ago. 2020.
- CARVALHO, Evandro Menezes de. 40 anos de reforma e abertura. In: **China Hoje**.

São Paulo: Segmento, n. 22, dez. 2018/jan. 2019, p. 14-15.

CEIC Data. **China Investimento % do PIB**. Disponível em: <ceicdata.com/pt/indicator/china/investment—nominal-gdp#:~:text=0s%20dados%20de20%20investimento%3A%25,at%C3%A9%202019%2C%20com%2068%20observa%C3%A7%C3%B5es> Acesso em: 09 set. 2020.

CIA. **The World Fact Book**. Disponível em: <cia.gov/library/publications/the-world-factbook/attachments/summaries/CH-summary.pdf> Acesso em: 10 set. 2020.

CLASTRES, Geneviève. O presente envenenado do turismo cultural. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**, n. 144, julho de 2019, p. 36-37.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: Moderna, 1985.

COSTA, Antonio Luiz M. C. No mundo de os miseráveis. In: **Carta Capital**. São Paulo: Confiança, n. 873, 28 out. 2015, p. 22-28.

CRÉDIT SUISSE RESEARCH INSTITUTE. **Global Wealth Report**, 2019.

DENTON, Kirk A. **Exhibiting the past: historical memory and the politics of museums in postsocialist China**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2014.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DONGHAI, Su. Chinese museum's tradition and changes. In: **Museologia e Patrimônio**, vol. 1, jul/dez 2008, p. 120-122. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>> Acesso em: 12 mar. 2020.

DUAS montanhas são novos Geoparques Globais da UNESCO. In: **China Hoje**, São Paulo: Segmento, n. 25, jun/jul 2019, p.11.

JORNAL NACIONAL. **Em 34 anos Brasil perde o equivalente a 10% do território nacional em vegetação nativa**. Disponível em: <g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/28/em-34-anos-brasil-perde-o-equivalente-a-10-percent-do-territorio-nacional-em-vegetacao-nativa.ghtml> Acesso em: 29 ago. 2020.

EMBRATUR. **EMBRATUR reduz gastos internos para investir em promoção internacional**. <www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/saladeimprensa/noticias/arquivos/Embratur_reduz_gastos_internos_para_investir_em_promocao_internacional.html> Acesso em: 10 ago. 2020.

_____. **Plano Aquarela 2020**. Disponível em: <www.embratur.gov.br/lai_embratur_secom/export/sites/lai/galerias/download/Plano_Aquarela_2020.pdf> Acesso em: 10 ago. 2020.

EPSTEIN, Gady. Revolução Cultural: um boom de construção de museus na China. In: **The Economist O Mundo em 2013**. São Paulo: Confiança, 2013, p. 120.

ESPASA Calpe. **Marxismo In: Nuevo Espasa Ilustrado**. Madrid: Espasa Calpe, 2008, p. 1103.

Exhibition on Human Rights in China. Disponível em: <realliyida.blog.sohu.com/23197321> acesso em 22 jul. 2020.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2007.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginário**. São Paulo: Aleph, 2005.

GASTAL, Susana (org.). **Turismo: 9 propostas para um saber fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GAZIRE, Nina; ALZUGARAY, Paula. **Museus brasileiros na era digital**. 23 mar. 2010. Disponível em: <istoe.com.br/59702_MUSEUS+BRASILEIROS+ERA+DIGITAL/> Acesso em: 01 out. 2020.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. **O museu e a vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GOMES, Mariana Selister. **Marketing turístico e violência contra as mulheres: (des)(re)construções do Brasil como paraíso de mulatas**. Dissertação (Mestrado/Sociologia), IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 2009. disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18449/000729284.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 04 out. 2020.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios brasileiros na era dos gigantes**. São Paulo: Contraponto, 2006.

GUOJIA, Wenwuju. **Guojia Yi Ji Bowuguan Yunxing Pinggu Zhipiao Tixi (Escala Numérica Nacional de Valores para Avaliação da Gestão de Museu de Primeiro Nível)**, 2008.

HOLLAENDER, Arnon; SANDERS, Sidney. Trade In: **The Landmark Dictionary**. São Paulo: Moderna, 1997, p. 309.

IBGE. **Países**. In: <<https://ibge.gov.br/#dados/brasil>> Acesso em 28 set. 2018.

IBRAM. **Formulário de visitação anual – resultados 2018**. Brasília: IBRAM, 2019.

_____. **Museus e a dimensão econômica: da cadeia produtiva à gestão sustentável**. Brasília: IBRAM, 2017.

_____. **Museus em números**, volume 1. Brasília: IBRAM, 2011.

_____. **Museus e turismo: estratégias de cooperação**. Brasília: IBRAM, 2013.

_____. **Subsídios para a elaboração de planos museológicos**. Brasília: IBRAM, 2016.

INDICADORES DEMOGRÁFICOS. **Almanaque Abril 2015**. São Paulo: Abril, 2015.

INPI. **Denominações de origem reconhecidas**. Fevereiro 2019.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **Corona Virus Resource Center**. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu>> Acesso em 29 set. 2020.

KIM, Keun Young. Multiculturalism and museums in China. In: **Working Papers in Museum Studies**. Ann Arbor: University Of Michigan, n. 7, 2011, p.1-27. Disponível em: <deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/102519/7_kim_2011_0.pdf?sequence=1&isallowed=y> Acesso em: 12 mar. 2020.

LOCK, S. **Number of international tourist arrivals worldwide from 1950 to 2019**. Disponível em: <www.statista.com/statistics/262750/number-of-international-tourists-arrival-worldwide> Acesso em 04 fev. 2020.

LOSURDO, Domenico. **A Linguagem do Império**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MADUREIRA, Marcelo Mammana. **O que é uma denominação de origem?** (s.d) Disponível em: <mmadureira.jusbrasil.com.br/artigos/710083266/o-que-e-uma-denominacao-de-origem> acesso em 30 set. 2020.

MAGALHÃES, Henrique Júdice. De produtores a compradores. In: **A Nova Democracia**, ano VI, n. 43, junho de 2008. Disponível em: <anovademocracia.com.br/no-43/1696-de-produtores-a-9compradores9> Acesso em: 20 jan. 2020.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**: Ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo [s.n.], julho de 1995.

MENEGAT, Rualdo. Geoparques como laboratórios de inteligência da Terra. In: **Geologia USP**, São Paulo, v. 5, outubro 2009, p. 91-103

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIRANDA, André. **Greve no ministério da Cultura ameaça funcionamento dos museus durante a copa**. Disponível em: <oglobo.globo.com/cultura/greve-no-ministerio-da-cultura-ameaca-funcionamento-de-museus-durante-a-copa-do-mundo-12325665> Acesso em: 02 out. 2020.

MORETTONI, Marina Marins. **Mapeamento de controvérsias na relação turismo e museus**. TCC (Turismo) – UFF/Faculdade de Turismo e Hotelaria, Niterói, 2015. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/1561>> Acesso em: 12 mar. 2020.

MTUR. **Estatísticas Básicas de Turismo 2017/2018**. Brasília: MTUR, 2019.

_____. **Receita e despesa cambial turística, segundo os meses – Janeiro 2003 Agosto 2020**. In: <www.dadosefatosturismo.gov.br/sondagens-conjunturais.html?catid=0&id=83> Acesso em 10 abr. 2020.

MUSÉE du Louvre. **Annual report 2014**. Disponível em: <www.louvre.fr/sites/default/files/rapport_activite/fichiers/PDF/louvre-2014-annual-report.pdf> Acesso em: 20 jul. 2020.

MUSEU Nacional de Literatura Moderna Chinesa. In: **Tripadvisor**. Disponível em: <tripadvisor.com.au/Attraction_Review-g294212-d1797631-Reviews-National_Museum_of_Modern_Chinese_Literature-Beijing.html> Acesso em: 20 jul. 2020.

NANJING Museum. In: **Wikipedia**. Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/Nanjing_Museum#/media/File:Nanjing_Museum1.jpg> Acesso em: 20 jul. 2020.

NANTONG Museum. In: **Wikipedia**. Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/wiki/Nantong_Museum#/media/File:Nantong_Museum_2.jpg> acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO Júnior, José do. **Economia de museus**. Brasília: MINC/IBRAM, 2010.

NOGUEIRA, Diogo da Silva. **A inserção do profissional de turismo nas instituições museológicas: Competências, habilidades e contribuições**. TCC (Turismo) – UFF/ Faculdade de Turismo e Hotelaria, Niterói, 2014. disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/978>> Acesso em 17 mar. 2020.

O'NEILL, Jim. Jim O'Neill vê a economia global de 2036. In: **The Economist O Mundo em 2011**. São Paulo: Confiança, 2011. p. 95.

PINTO, Paulo Antônio Pereira. **A China e o Sudeste Asiático**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.

PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **Law of the People's Republic of China on the protection of cultural relics**. Beijing, 1982. Disponível em: <english.www.gov.cn/archive/lawsregulations/2014/08/2/content_281474983042361.htm> acesso em: 01 out. 2020.

PEREIRA, José. **Área queimada no Pantanal já passa de 2 milhões de hectares, tamanho referente a 10 vezes as cidades de SP e RJ juntas**. Disponível em: <g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/09/09/area-queimada-no-pantanal-ja-passa-de-2-milhoes-de-hectares-tamanho-referente-a-10-vezes-as-cidades-de-sp-e-rj-juntas.ghtml> Acesso em 10 set. 2020.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. A Revolução aos 80. In: **Retrato do Brasil**. São Paulo: Manifesto, n. 27, outubro de 2009, p. 32-37.

PINACOTECA RUBEN BERTA. Disponível em: <pinacotecaspoa.com/pinacoteca-ruben-berta> Acesso em 10 ago. 2020.

POMAR, Vladimir. **China: Desfazendo mitos**. São Paulo: Página 13/Publisher

Brasil, 2009.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio, turismo e desenvolvimento. In: **Revista Ciência em Movimento**. Porto Alegre: Faculdade metodista IPA, ano IV, n. 8, 2º semestre 2002, p. 53-57.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do Trabalho Científico**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

593 milhões. In: **China Hoje**. São Paulo: Segmento, n. 10, dez 2016/jan 2017, p. 15.

REIS, Tiago. **Crise do Subprime**: Entenda o que foi e como afetou a economia mundial. Disponível em: <www.sunoresearch.com.br/artigos/crise-do-subprime/> Acesso em: 28 set. 2020.

SANTANA, Poliana Silva. **UNESCO e a problemática do patrimônio da humanidade**: Machu Picchu e Ouro Preto sob o foco de discussão. TCC (Museologia) – CFCH/UFSC, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/127440/tcc_museologia_poliana_silva_santana.pdf?sequence=&isAllowed=y> acesso em 10 abr. 2019.

SCHOBENHAUS, Carlos; SILVA, Cássio Roberto da. **Geoparques do Brasil**: Propostas. Rio de Janeiro: CPRM, 2012.

SCHWARZ, Roberto. As Ideias Fora de Lugar. **Estudos do Cebrap**. São Paulo, n.3, jan. 1973.

SECOM/PR. **Brasil 2009**. Brasília: Governo Federal, abril 2010, p. 13.

SECOM/PR. **Brasil 2005**. Brasília: Governo Federal, dezembro 2005, p. 11.

UOL. **Estudo aponta que 38 mil km² de florestas primárias foram destruídos em 2019**. Disponível em: <www.noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/06/02/estudo-aponta-que-38-mil-km-de-florestas-primarias-foram-destruidos-em-2019.html> Acesso em 10 ago. 2020.

TAIPEI travel stole my photo. Disponível em: <search.creativecommons.org/photos/69f44b01-e437-4ec2-af4c-40d86e6ce60e> Acesso em: 10 set. 2020.

TERCEIRO Mundo. In: **Wikipedia**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro-Mundo>> Acesso em 28 set. 2020.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade**: Tendências contemporâneas. Campinas: Papyrus, 1996.

UNWTO. **World Tourism Barometer**. Madrid: UNWTO, 2019.

UNESCO. **Lista de geoparques globais da China**. Disponível em: <unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/list-

of-unesco-global-geoparks/china/> Acesso em 25 ago. 2020.

_____. **Lista de patrimônios da humanidade do Brasil.** Disponível em: <whc.unesco.org/en/stateparties/br> Acesso em: 25 ago. 2020.

_____. **Lista de patrimônios da humanidade da China.** Disponível em: <whc.unesco.org/en/stateparties/cn> acesso em 25 ago. 2020.

VARINE, Hugues de. O ecomuseu. In: **Ciências e Letras**, Porto Alegre: FAPA, n. 27, jan/jun 2000, p.61-90.

VARUTTI, Marzia. Using similar pasts in a different way: museum representations of national history in Norway and China. In: **Culture Unbound**. Linköping University Electronic Press, vol. 2, 2010, p. 745-768. Disponível em:<www.cultureunbound.ep.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Turismo e museus**. São Paulo: Aleph, 2006.

VICENTE, Luciana Prestes. **Bibliotecas Públicas do RS e o Patrimônio Edificado**: Valor, No Fundo, Simbólico. TCC (Biblioteconomia) – FABICO/UFRGS, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175295/001062404.pdf?sequence=1&i9Allowed=y>> Acesso em: 27 fev. 2020.

VIEIRA, Cristiano. Entrevista Gedeão Pereira Presidente da FARSUL. In: **Press Agrobusiness**. Porto Alegre: Athos, ano 3, edição 11, março de 2018, p.8-12.

VIZENTINI, Paulo Fagundes; WIESEBRON, Mariane. **Neohegemonia americana ou multipolaridade?**: Polos de poder e sistema internacional. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

_____, Paulo Fagundes; RODRIGUES, Gabriela. **O dragão chinês e os tigres asiáticos**. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

XIANGGUANG, Song. The development of private museums in China. In: **Museum International**. UNESCO/Blackwell Publishing, n. 237-238, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1468-0033.2008.00635.x>> Acesso em:14 jan. 2020.

XINHUANET. **Chinese museums receive over 1.2 bln visitors in 2019** (18/05/20). Disponível em: <http://www.xinhuanet.com/english/2020-05/18/c_139066501.htm> Acesso em: 14/10/2020.

ZHANG, Hanqin; CHONG,King; AP, John. An analisys of tourism policy development in modern China. In: **Tourism Management**, n. 20, 1999, 471-485. Disponível em: <citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?oi=10.1.1.603.1974&rep=rep1&type=pdf> Acesso em: 19 out. 2019.

ZHONGGUO tongjiju. **Number of foreign tourists by sex, age and occupation**. Disponível em: <www.stats.gov.cn/english/statisticaldata/yearlydata/YB1999e/r06e.htm> Acesso em: 19 out. 2020.

ANEXO A – Lista de Patrimônios da Humanidade da China

Cultural

- Antigo Complexo de Construções das Montanhas Wudang (1994)
- Cidade Antiga de Ping Yao (1997)
- Antigas Aldeias de Anhui Meridional – Xidi e Hongcun (2000)
- Ruínas Arqueológicas da Cidade de Liangzhu (2019)
- Cidades Capitais e Túmulos do Antigo Reino de Koguryo (2004)
- Jardins Clássicos de Suzhou (1997,2000)
- Paisagem Cultural dos Terraços de Arroz de Honghe Hani (2013)
- Esculturas das Rochas de Dazu (1999)
- Fujian Tulou (2008)
- Centro Histórico de Macau (2005)
- Conjunto Histórico Palácio Potala, Lhasa (1994,2000, 2001)
- Monumentos Históricos de Denfeng “No Centro do Céu e da Terra” (2010)
- Palácios Imperiais das Dinastias Ming e Qing em Pequim e Shenyang (1987,2004)
- Tumbas Imperiais das Dinastias Ming e Qing (2000,2003, 2004)
- Kaiping Diaolou e Aldeias (2007)
- Kulangsu, um Povoado Internacional Histórico (2017)
- Grutas de Longmen (2000)
- Parque Nacional de Lushan (1996)
- Mausoléu do Primeiro Imperador Qin (1987)
- Cavernas de Mogao (1987)
- Monte Qingcheng e Sistema de Irrigação de Dujiangyan (2000)
- Monte Wutai (2009)
- Resort de Montanha e seus Templos Remotos, Chengde (1994)
- Cidade Antiga de Lijiang (1997)
- Sítio do Homem de Pequim em Zhoukoudian (1987)
- Rotas da Seda: As Redes de Rotas do Corredor de Chang'an-Tianshan (2014)
- Sítio de Xanadu (2012)
- Palácio de Verão, um Jardim Imperial em Pequim (1998)
- Templo e Cemiterio de Confúcio e Mansão da Família Kong Qufu (1994)
- Templo do Céu: um Altar Sacrificial Imperial em Pequim (1998)
- O Grande Canal (2014)
- A Grande Muralha (1987)
- Sítios de Tusi (2015)
- Lago Oeste e Paisagem Cultural de Hangzhou (2011)

- Yin Xu (2006)
- Grutas de Yungang (2001)
- Paisagem Cultural de Zuojiang Huashan (2016)

Natural

- Sítio Fóssil de Chengjiang (2012)
- China Danxia (2010)
- Fanjingshan (2018)
- Área de Interesse Histórico e Cênico de Huanglong (1992)
- Hubei Shennongjia (2016)
- Área de Interesse Histórico e Cênico do Vale de Jiuzhaigou (1992)
- Santuário dos Pássaros Migratórios da Costa do Mar Amarelo do Golfo de Bohai da China (Fase I) (2019)
- Parque Nacional do Monte Sanqingshan (2008)
- Qinghai Hoh Xil (2017)
- Santuários dos Pandas Gigantes de Sichuan – Wolong, Monte Siguniang e montanhas Jiajin (2006)
- Karst da China Meridional (2007,2014)
- Áreas protegidas dos Rios Três Paralelos de Yunnan (2003)
- Área de Interesse Histórico e Cênico de Wulingyuan (1992)
- Xinjiang Tianshan (2013)

Misto

- Área Cênica do Monte Emei, incluindo a Área Cênica do Buda Gigante de Leshan (1996)
- Monte Huangshan (1990)
- Monte Taishan (1987)
- Monte Wuyi (1999)

Fonte: UNESCO. Disponível em: <www.unesco.org/en/stateparties/cn>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ANEXO B – Lista de Patrimônios da Humanidade do Brasil

- Cidade Histórica de Ouro Preto
- Centro Histórico da Cidade de Olinda
- Missões Jesuíticas dos Guaranis: San Ignacio Mini, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto e Santa Maria Mayor (Argentina), Ruínas de São Miguel das Missoes (Brasil)
- Centro Histórico de Salvador da Bahia
- Santuário do Bom Jesus de Congonhas
- Parque Nacional do Iguaçu
- Brasília
- Parque Nacional da Serra da Capivara
- Centro Histórico de São Luís
- Reservas de Mata Atlântica do Sudeste
- Reservas de Mata Atlântica da Costa do Descobrimento
- Centro Histórico da Cidade de Diamantina
- Complexo de Conservação da Amazônia Central
- Ilhas Atlânticas Brasileiras: Fernando de Noronha e Reserva do Atol das Rocas
- Áreas Protegidas do Cerrado: Chapada dos Veadeiros e Parque Nacional das Emas
- Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense
- Centro Histórico da Cidade de Goiás
- Praça de São Francisco na Cidade de São Cristóvão
- Rio de Janeiro: Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar
- Conjunto Moderno da Pampulha
- Sítio Arqueológico do Cais do Valongo
- Parati e Ilha Grande – Cultura e Biodiversidade

Fonte: UNESCO. Disponível em: <whc.unesco.org/en/stateparties/br> Acesso em 25 ago. 2020.

ANEXO C – Lista de geoparques globais da China

1. Arxan UGGp
2. Dali-Cangshan UGGp
3. Danxiashan UGGp
4. Dunhuang UGGp
5. Fangshan UGGp
6. Funiushan UGGp
7. Guangwushan-Nuoshuihe UGGp
8. Hexigten UGGp
9. Hong Kong UGGp
10. Huanggang Dabieshan UGGp
11. Huangshan UGGp
12. Jingpohu UGGp
13. Jiuhuashan UGGp
14. Keketuohai UGGp
15. Leiqiong UGGp
16. Leye Fengshan UGGp
17. Longhushan UGGp
18. Lushan UGGp
19. Mount Kunlun UGGp
20. Ningde UGGp
21. Qinling Zhongnanshan UGGp
22. Sanqingshan UGGp
23. Shennongjia UGGp
24. Shilin UGGp
25. Songshan UGGp
26. Taining UGGp
27. Taishan UGGp
28. Tianzhushan UGGp
29. Wangwushan-Daimeishan UGGp
30. Wudalianchi UGGp
31. Xiangxi UGGp
32. Xingwen UGGp
33. Yandangshan UGGp
34. Yanqing UGGp
35. Yimengshan UGGp
36. Yuntaishan UGGp
37. Zhangjiajie UGGp
38. Zhangye UGGp
39. Zhijindong Cave UGGp
40. Zigong UGGp
41. Alxa Desert UGGp

Fonte: UNESCO. Disponível em: <unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/list-of-unesco-global-geoparks/china/> Acesso em 25 ago. 2020.

APÊNDICE – Lista de produtos com denominação de origem no Brasil

- 1 – Arroz do Litoral Norte Gaúcho/RS
- 2 – Camarão da Costa Negra/CE
- 3 – Pedra Carijó/RJ
- 4 – Pedra Madeira/RJ
- 5 – Pedra Cinza/RJ
- 6 – Própolis Vermelha/AL
- 7 – Vinhos e espumantes do Vale dos Vinhedos/RS
- 8 – Café do Cerrado Mineiro/MG
- 9 – Mel de Ortigueira/PR
- 10 – Própolis Verde/MG
- 11 – Banana de Corupá/SC
- 12 – Queijo Serrano/ RS e SC

Fonte: Lista elaborada pelo autor com dados de INPI. **Denominações de origem reconhecidas**. Fevereiro de 2019.